



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UnICEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**  
**CURSO DE LETRAS**

**NATÁLIA MARTINS PEREIRA**

**Reflexões funcionais acerca do uso de orações subordinadas adjetivas no  
gênero artigo de opinião: pesquisa e ensino**

**BRASÍLIA**  
**2014**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**  
**CURSO DE LETRAS**

**NATÁLIA MARTINS PEREIRA**

**Reflexões funcionais acerca do uso de orações subordinadas adjetivas no  
gênero artigo de opinião: pesquisa e ensino**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a Profª Tiago de Aguiar Rodrigues

**BRASÍLIA**  
**2014**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UnICEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**  
**CURSO DE LETRAS**

**NATÁLIA MARTINS PEREIRA**

**Reflexões funcionais acerca do uso de orações subordinadas adjetivas no  
gênero artigo de opinião: pesquisa e ensino**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - do Centro Universitário de Brasília - UnICEUB -, tendo como orientadora a Prof<sup>o</sup> Tiago de Aguiar Rodrigues

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Tiago de Aguiar Rodrigues (UNICEUB)

---

Prof. Dra. Luiza Hiroko Yamada Kuwae (UNICEUB)

---

Prof. Msc. Rosi Valeri Correa (UNICEUB)

Dedico este trabalho a Deus, criador de todas as coisas e socorro nas horas de angústia e à minha mãe Laurinda José Pereira, grande razão da minha vida, por nunca ter me deixado desviar dos caminhos certos.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me mantido firme no decorrer dessa longa jornada.

À minha grande guerreira, minha mãe, pela dedicação, carinho e amor oferecidos durante toda a minha vida.

Ao meu pai, José Martins Pereira (*in memorian*), pelo inestimável amor doado enquanto teve vida.

Aos meus irmãos: Fábio José Pereira, Nayara Martins Pereira e Thiago José Pereira, pelo incentivo, pela torcida e por acreditarem no meu potencial.

Ao meu namorado, Francisco Costa de Andrade, por se inspirar em mim.

Ao meu querido sobrinho, por achar “muito legal” ter uma tia professora.

Ao meu cachorro, Xodó, que mesmo velhinho e cego nunca deixou de me receber abanando o rabinho quando chegava da faculdade.

À minha grande amiga, Rosana Rosário, pela nossa fiel amizade.

Aos meus “linguistas aplicados”: Juliane, Girleide, Kênia, Helena, Adriane, Wellington, Valléria, Keisy, Rozeane, Priscila, Rosana Sahagoff, pela amizade, carinho e parceria durante o curso e, em especial, Luiz Fernando e Carine, pela amizade e pelas constantes palavras de incentivo.

Aos professores, Ana Luiza Montalvão (*in memorian*), Paulo Medeiros e André Gomes Moreira, por terem sido profissionais competentes e, por esse motivo, terem contribuído com a minha formação.

Em especial, agradeço ao meu professor e orientador, Tiago de Aguiar Rodrigues, pela paciência, dedicação, competência e disposição em me auxiliar no decorrer do processo de construção desta monografia.

## RESUMO

Este trabalho consiste na reflexão funcional do ensino da gramática, principalmente, no que tange ao uso das orações subordinadas adjetivas (o. s. ads.), no gênero artigo de opinião. O objetivo geral desta pesquisa é investigar se o aluno do 3º ano do Ensino Médio reconhece o efeito discursivo causado pelas orações subordinadas adjetivas dentro do gênero artigo de opinião. Para tanto, os objetivos específicos resumem-se em conceituar os diferentes tipos de gramática, demonstrar as diferentes formas de tratamento dadas ao ensino das o. s. ads., pelo viés tradicional e funcional e, por fim, observar a influência do ensino oferecido na educação básica, no que tange ao conteúdo o. s. ads., para a formação dos alunos em anos finais. No decorrer da pesquisa, é apresentado o percurso dos avanços linguísticos até chegar às duas grandes vertentes linguísticas que temos atualmente: tradicionalista, em que analisamos as obras de Mauro Ferreira (2011), Napoleão Mendes de Almeida (1999), Cunha e Cintra (2001), Cegalla (2005); e funcionalista, na qual analisamos as gramáticas de Marcos Bagno (2011) e Ataliba de Castilho (2012). Para tanto, nos fundamentamos nos conceitos de Mario Eduardo Martelotta (2012), Maria Helena de Moura Neves (1997) entre outros. Para melhor delimitação do objeto da pesquisa, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) foram essenciais nas conceituações sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP). Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo, de cunho quali-quantitativo, realizada em uma escola de Ensino Médio, da Região Administrativa Paranoá, no Distrito Federal. Observou-se nessa pesquisa que os colaboradores têm dificuldade em perceber o valor discursivo das orações empregadas por eles mesmos, o que nos permitiu concluir que o ensino oferecido a esses alunos tem sido primordialmente pautado na vertente tradicionalista.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa. Escrita. Orações subordinadas adjetivas. Funcionalismo.

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.”

Paulo Freire

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	<b>13</b>
1.1. PERCURSO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	14
1.2. O ENSINO DE GRAMÁTICA NO BRASIL	15
1.2.1 O ensino das orações subordinadas adjetivas pelo viés tradicional	16
1.2.2 A gramática escolar como fiel reprodutora do viés Tradicionalista	21
1.3 ABORDAGEM FUNCIONALISTA PARA O ENSINO DE LP	23
1.3.1 O ensino das orações subordinadas adjetivas sob o viés da abordagem funcionalista	25
1.3.2 Fenômenos decorrentes das diversas situações comunicativas: Sentenças adjetivas copiadoras e cortadas	27
1.4 ESTUDO DESCRITIVO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS	28
1.5 O ENSINO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS NO LIVRO DIDÁTICO	30
1.6 O ENFOQUE DADO PELOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – ENSINO MÉDIO – PCNEM AO ENSINO DE LP	31
1.7 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LP NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA	33
1.7.1 A construção da argumentação no gênero artigo de opinião	34
1.8 RESUMO DO CAPÍTULO	35
<b>2. METODOLOGIA</b>	<b>37</b>
2.1 A PESQUISA QUALITATIVA	38
2.2 A PESQUISA QUANTITATIVA	40
2.3 ABORDAGEM DA PESQUISA	41
2.4 PROCEDIMENTOS	42
2.5 COLETA DE DADOS	44
2.5.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	45
2.5.2 RESUMO DO CAPÍTULO	47
<b>3. ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>48</b>
3.1 ANÁLISE DE DADOS QUANTITATIVA	48
3.2 ANÁLISE QUALITATIVA	49
3.1 CONCLUSÃO DOS RESULTADOS	70
3.2 RESUMO DO CAPÍTULO	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE A – ATIVIDADE 1</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE B – ATIVIDADE 2</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO 1 – ARTIGOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS COLABORADORES</b>	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta dessa pesquisa é investigar se estudantes concluintes do Ensino Médio compreendem que as orações subordinadas adjetivas possuem um importante papel na construção argumentativa do gênero *artigo de opinião*. Por meio de produções escritas por alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola de rede pública da Região Administrativa do Paranoá, no Distrito Federal, analisamos se o ensino das orações subordinadas adjetivas (o. s. adj.) – e, por extensão, de gramática – durante a educação básica, propicia aos alunos uma visão discursiva/pragmática dos elementos estruturais da língua, ou se, ainda, se limita à mera memorização de nomenclaturas.

Escolheu-se investigar esse tema devido aos constantes estudos sobre a eficiência do ensino de Língua Portuguesa (LP), principalmente, no que diz respeito ao tratamento com a gramática. Oferecer propostas interacionais para o ensino de LP é um dos principais objetivos dos **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000)**, porém, mesmo sendo um documento que permeia, já há algum tempo, o ensino básico, muitos professores veem-se perdidos quanto à prática de ensino, pois não sabem que postura adotar em sala de aula quanto aos métodos de ensino.

Sabendo disso, a pesquisadora, como graduanda do curso de Letras e futura professora de Língua Portuguesa, visa compreender, por meio de análises de artigos de opinião produzidos por alunos do 3º do Ensino Médio, se eles conseguem entender o efeito discursivo das orações subordinadas adjetivas nas próprias produções textuais. E a partir disso, refletir sobre a influência do ensino oferecido na educação básica.

Os objetivos específicos resumem-se em conceituar os diferentes tipos de gramática, demonstrar as diferentes formas de tratamento dado ao ensino das o. s. adjs. pelo viés tradicional e funcional e, por fim, observar a influência do ensino oferecido na educação básica, no que tange ao conteúdo o. s. adjs. para a formação dos alunos em anos finais.

Em uma pesquisa cujo tema é o ensino das o. s. adjs., cabe, primeiramente, compreender o que se entende por gramática. Luiz Carlos Travaglia (2000), assim como outros autores, caracteriza a gramática em três distintas concepções:

*normativa* – variante padrão ou culta, que considera qualquer outra como degeneração da língua; *descritiva* – descreve o funcionamento da língua; e *internalizada* – variedade exigida pela situação de interação comunicativa.

Ao ensinar uma língua, podemos realizar três tipos de ensino: o prescritivo, o descritivo e o produtivo (HALLIDAY, MCINTOSH e STREVENS, 1974 *apud* TRAVAGLIA, 2000, p.38).

Uma vez que o ensino prescritivo considera que toda variação linguística diferente da norma padrão é vista como “errada” e inaceitável, o ensino descritivo objetiva mostrar o funcionamento da língua; enquanto que o ensino produtivo visa mostrar ao aluno como usar de maneira eficiente a sua própria língua. Considerando o que foi dito, pode-se afirmar que o ensino de LP tornou-se objeto de análise, uma vez que o método utilizado para ensiná-la é impositivo, e acontece de forma arcaica e descontextualizada. Muitos professores optam pelo ensino prescritivo, em que normas gramaticais são impostas aos alunos, fazendo-os crer que não conhecem a própria língua, que falam “errado”, ou que nunca serão capazes de aprender.

Travaglia (2000, p.101) afirma que:

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se às regras de gramática normativa que [...]. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e “boas” a serem imitadas na expressão do pensamento. Nas aulas, há uma ausência quase total de atividades de produção e compreensão de textos [...].

Dessa afirmação, entende-se que os aspectos extralinguísticos são deixados de lado quando o assunto é o ensino de Língua Portuguesa. Assim, a língua passa a ser ensinada unicamente por meio da metalinguagem.

O sucesso do domínio da norma padrão, baseado no ensino da gramática normativa, dependerá da forma como o professor vai conduzir as suas aulas. Dessa maneira, o docente pode procurar fazer as suas aulas baseado na perspectiva funcionalista que é o viés que defendemos nessa pesquisa, de forma que o aluno seja capaz de usar a Língua em diferentes contextos sociais, desde uma simples conversa, à produção de artigo de opinião.

Neves (2004) afirma que a escola sempre foi uma fiel reprodutora dos valores tradicionais. E no ensino de LP não foi diferente. Neves (2004) afirma, também, que

aprender a norma culta da língua é uma exigência social, que a sociedade é a primeira a acreditar que o certo é dominar ferrenhamente a norma padrão.

Segundo Possenti (1996,p. 41):

Falar contra a "gramatiquice" não significa propor que a escola só seja "prática", não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão [...]

A proposta deste trabalho, no entanto, não é defender a extinção do ensino da norma padrão, pelo contrário, pois ela é a base de uma língua que se constrói por meio das relações sociais. De acordo com a proposta Funcionalista, o que se pretende é renovar o método de ensino, tornando as aulas de LP mais reflexivas acerca do fenômeno da linguagem.

O educador precisa estar ciente de que ensinar LP é uma tarefa que deve ser feita de forma cuidadosa e direcionada. Não somente para o aluno falar e escrever “bem”, mas para que ele compreenda a relevância prática e social da Língua Portuguesa. Dessa maneira, o professor pode enfatizar menos a normatização e promover mais atividades que exijam reflexão acerca dos fenômenos linguísticos.

Visto isso, propomos uma pesquisa de campo com o objetivo de entender, de perto, se o ensino das orações subordinadas adjetivas é ou não suficiente para que o aluno concluinte do Ensino Médio seja capaz de empregar e compreender a função discursiva das o. s. adjs. no gênero *artigo de opinião*.

No primeiro capítulo, apresentamos discussões a respeito da evolução dos estudos linguísticos, até chegarmos às principais abordagens que permeiam o ensino da linguagem atualmente: as vertentes tradicionalista e funcionalista. Para isso foram analisadas gramáticas de cunho tradicionalista: Napoleão Mendes de Almeida (1999), Cunha e Cintra (2001), Cegala (2005); a gramática escolar de Mauro Ferreira (2011); e gramáticas que se baseiam nos princípios clássicos de visão funcionalista: Marcos Bagno (2011) e Ataliba de Castilho (2012), a fim de entender como esses guias preceituam as o. s. adjs. E como essa(s) visão(ões) podem influenciar no ensino. Analisamos também a **Gramática da Língua Portuguesa** de Azeredo (2008), com objetivo de oferecer aos leitores uma visão descritiva da língua em uso.

O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, no qual são descritas as aulas ministradas pela pesquisadora, os instrumentos de coleta de dados e a abordagem escolhida para nortear essa pesquisa. Para tanto, baseamo-nos nos conceitos de autores como Lakatos e Marconi (2010), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2009), PCN Ensino Médio (2000), Fonseca (2002), Elisa Pereira Gonsalves (2007) e Luiz Antônio Marcuschi (2008).

O quarto capítulo constitui-se da análise dos dados levantados na pesquisa a fim de compreender se os alunos da fase final da educação básica conseguem entender a função discursiva das o.s.adjs. utilizadas por eles na produção do artigo de opinião. Para fundamentar essa análise, baseamo-nos nos conceitos dos teóricos apresentados ao decorrer de toda a pesquisa.

O que se pretende com esse trabalho é que o leitor perceba que, de ambas as formas disponíveis para subsidiar a prática do docente, a perspectiva funcionalista dispõe de características mais eficientes, visto oferecer, tanto ao docente, como aos discentes, oportunidades de estudar a língua de forma dinâmica e produtiva.



## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, tratamos de questões de linguística que permeiam o estudo da linguagem. Para início, discutimos diferenças entre duas grandes vertentes que se dedicam aos estudos linguísticos: tradicionalista e funcionalista, as quais, de certo modo, norteiam o ensino da gramática no Brasil. Assim, o leitor pode entender o que essas abordagens oferecem ao trabalho do professor de LP em sala de aula, principalmente na discussão do ensino de o.s.adjs..

Para tanto, obras de gramáticos tradicionais, como Napoleão Mendes de Almeida (1999), Mauro Ferreira (2011), Cunha e Cintra (2001), Cegalla (2005), e gramáticas escritas por linguistas que adotam uma perspectiva funcional da linguagem, Marcos Bagno (2011) e Ataliba de Castilho (2012), foram analisadas a fim de se entender de que maneira essas obras se distinguem no que tange aos estudos das o. s. adjs. e como a visão delas pode contribuir (ou não) para um ensino mais voltado à realidade dos usos linguísticos. Além desses, analisamos também a **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa** (2008), por oferecer um estudo descritivo da língua e por oferecer uma visão que considera tanto a forma como a função.

Num segundo momento, mostramos o papel da gramática escolar e do livro didático no ensino das o. s. adjs., pois esses materiais são bastante utilizados na prática docente. Cabe enfatizar que, no decorrer do capítulo, se faz menção ao livro didático utilizado por uma escola de Ensino Médio da rede pública de ensino do Distrito Federal, da Região Administrativa do Paranoá, enfatizando o tratamento oferecido por ele quanto ao ensino das o. s. adj.

Mostramos, também, a importância dos Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000), que subsidiam o trabalho do professor, oferecendo um ensino contextualizado, de forma que não haja separação do que é linguístico e do que é social, uma vez que a língua se constrói por meio das relações sociais. O Plano Nacional do Livro Didático – PNLD também é fundamental para o trabalho do profissional de educação, pois, segundo o [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br), o guia oferece à escola e ao professor opções de obras selecionadas e avaliadas pelo Ministério da Educação.

Sem fugir do foco, traçamos um panorama entre o ensino das o. s. adjs. e sua funcionalidade no gênero *artigo de opinião*. Para isso, se fez necessário trazer à tona o conceito de gêneros textuais (KOCH e ELIAS, 2011) e a sua importância para o ensino de LP (Marcuschi, 2008). Dando continuidade, expomos características peculiares do gênero *artigo de opinião*, escolhido como base para o estudo das referidas orações e, conseqüentemente, a importância de tais orações para a construção argumentativa do gênero em referência.

O objetivo deste capítulo é estudar as diversas possibilidades de ensinar as o. s. adjs., a fim de contribuir com a análise de dados relatados em capítulos posteriores.

## 1.1 PERCURSO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Fazemos nessa seção um breve percurso pelos estudos da linguagem com base nos conceitos de Martelotta (2012). No entanto, trataremos apenas das abordagens das quais não abordamos com rigor nessa pesquisa.

Os estudos sobre as questões de linguística tiveram início com o *Curso de linguística geral* de Ferdinand Saussure, onde foram encontrados os primeiros “conceitos fundamentais do modelo teórico estruturalista” (MARTELOTTA, 2012, p. 114). Saussure tratou da língua como um sistema ou “conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente” (MARTELOTTA, 2012, p. 114). O Estruturalismo defende que a língua funciona a partir de um conjunto de regras que não são influenciáveis. Após o estruturalismo de Saussure, várias outras abordagens surgiram com a mesma intenção de se estudar a língua.

Com base ainda nos conceitos de Martelotta, o gerativismo de Noam Chomsky investiga a língua como capacidade linguística inerente ao indivíduo. Para os teóricos defensores do gerativismo, essa capacidade linguística está intimamente relacionada à estrutura biológica do sujeito, de forma que os fatores sociais não influenciam no desenvolvimento da linguagem. Posteriormente ao gerativismo, a abordagem sociolinguística, segundo Martelotta (2012), ganhou força principalmente nos Estados Unidos com os estudos do linguista William Labov acerca das questões de variação e mudança. Nessa abordagem, a língua é vista como uma instituição social e é estudada em seu uso real, pois os linguistas dessa corrente se

preocupam-se em compreender os fatores que influenciam a variação linguística, que podem ser de ordem: cultural, regional, classe social, escolaridade, entre outros.

Visto isso, passaremos para o estudo das duas grandes motivadoras para o ensino de língua no Brasil: abordagem Tradicionalista, que prioriza o estudo da norma padrão, e abordagem Funcionalista, que preza pelo estudo da língua considerando as suas formas de uso.

## **1.2 O ENSINO DE GRAMÁTICA NO BRASIL**

O avanço dos estudos linguísticos desencadeou a necessidade de repensar algumas formas de ensinar gramática em sala de aula, visto que, desde quando se iniciaram os estudos sobre o fenômeno da linguagem, a língua é estudada a partir do ponto de vista tradicional, em que não se considera elemento extralinguístico.

Segundo Rodrigues (2011, p. 26), “entre as décadas de 1950 e 1970, a educação brasileira passa por profundas – e desordenadas – transformações”, uma vez que, antes desse período, o público escolar limitava-se aos membros da elite que estudavam a língua a partir do ponto de vista tradicional. Com a grande demanda de classes sociais desprivilegiadas passando a frequentar o ambiente escolar, outras variedades linguísticas passaram a fazer parte do dia a dia escolar. Assim, houve a necessidade de repensar a forma de se ensinar a LP.

Mas, até os dias de hoje, mesmo com tantos estudos que defendem um ensino funcionalista da linguagem, muitas escolas insistem em ensinar a língua de acordo com os princípios da gramática normativa, que é herdeira de uma visão tradicional/estruturalista de língua. A partir disso, duas grandes vertentes formalistas, ou tradicionalista e funcionalista, são amplamente estudadas com finalidade de se alcançar a melhor maneira de transmitir os conhecimentos gramaticais. Sobre o viés tradicionalista, Martelotta (2012, p. 115) afirma que “a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma”. Enquanto que a perspectiva funcionalista “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos em que elas são usadas.” (MARTELOTTA, 2012, p. 157). Dessa forma, adota uma visão de que a língua está vinculada às relações sociais.

Com foco nas orações subordinada adjetivas, este capítulo discute como elas são definidas, por essas diferentes correntes linguísticas, e como são estudadas, nos dias atuais, de acordo com os manuais didáticos disponíveis para ensino.

### 1.2.1 O ensino das orações subordinadas adjetivas pelo viés tradicional

Antes de entrar no foco das o. s. adjs., discutiremos acerca do que vem a ser a gramática, como é vista pelos profissionais de educação e, também, pelos estudantes.

Quando se fala em gramática, a primeira referência que vem à cabeça de muitos estudantes, e até de muitos professores, é aquele “livro grosso” e cheio de regras para o “bom uso” do Português. Na escola, a gramática apresenta-se de forma desvinculada de contextos externos, e os alunos desconhecem o porquê do seu ensino. Estudar a gramática, nessa perspectiva, é um exercício difícil e complexo, pois se resume a decorar regras e nomenclaturas. Esse trabalho enfadonho ainda é, para muitos educadores, a única maneira de se “ensinar português”.

É importante saber que a visão tradicional da língua teve origem na “tradição de estudos de base filosófica que se iniciou na Grécia antiga” (MARTELOTTA, 2012, p.45). De acordo com Martelotta (2012), essa abordagem teve, como principais percussores, os filósofos gregos que se preocupavam em entender a relação entre linguagem, pensamento e realidade. Outro fator característico da gramática grega é que ela ditava padrões de bom uso da língua, de forma que apenas a língua usada por uma pequena parte da população, a “elite intelectual” (BAGNO, 2011, p. 417) deveria ser aprendida.

Percebe-se que essa “ditadura”, de certa forma, persiste até os dias de hoje, pois as gramáticas normativas ainda insistem em legitimar apenas a norma padrão, que decorre dos parâmetros linguísticos ditados pela elite social.

Sobre a gramática tradicional, Martelotta (2012, p. 45) afirma ser:

[...] aquela que estudamos na escola desde pequenos. Nossos professores de português nos ensinam a reconhecer os elementos constituintes formadores dos vocábulos [...], a fazer análise sintática, a utilizar a concordância adequada, sempre recomendando correção no uso que fazemos de nossa língua. Entretanto, raramente nos é dito o que é esse estudo, qual sua origem, como ele se desenvolveu e com que finalidades.

Os métodos utilizados pelas gramáticas normativas são, em muito, reproduzidos pelos manuais didáticos, como as gramáticas escolares e os próprios livros didáticos. De forma que, como define Martelotta (2012), esses manuais de

ensino priorizam um ensino prescritivo e muitas vezes apresentam “uma visão preconceituosa” (MARTELOTTA, 2012, p. 45) da linguagem.

Além da preocupação filosófica da linguagem, a visão tradicional preocupava-se em transmitir padrões linguísticos ideais que refletissem a língua utilizada pela minoria grega. Ainda hoje, esse caráter normativo prevalece nas gramáticas normativas de língua portuguesa, cujos exemplos são retirados dos autores clássicos da língua.

Um exemplo desse caráter pode ser encontrado na **Gramática Metódica da Língua Portuguesa (1999)** de Napoleão Mendes de Almeida, a qual oferece uma visão intolerante quanto às formas de se estudar gramática, visto que defende a gramática ser estudada sem interferência de qualquer outro texto. Nas palavras do próprio autor:

A seriação de textos de ensino admite-se em certas disciplinas, mas somos inteiramente contrários a ela no estudo da gramática portuguesa. Gramática não é geografia [...] A gramática, ou seja, o texto, o livro de ensino gramatical deve ser estudado integralmente. (ALMEIDA, 1999, p. 3)

O autor reduz o significado da gramática a um livro que deve ser inteiramente estudado, descartando qualquer possibilidade de reflexão e discussão acerca dos elementos extralinguísticos que influenciam no funcionamento da língua. Quanto à o. s. adj., essa mesma gramática se reduz a informar que a oração “SUBORDINADA ADJETIVA é a que em relação a principal equivale a um adjetivo” (ALMEIDA, 1999, p. 526) e se classificam em restritivas e explicativas. Vejamos o exemplo que segue:

A) A aluna **que era muito instruída faleceu**

B) A aluna muito **instruída** faleceu

Almeida (1999) se limita a explicar que tanto a oração contida em (A) quanto o adjetivo contido em (B) modificam o substantivo aluna.

Para o autor, as orações restritivas não podem ser suprimidas do texto sem causar prejuízo ao sentido da oração principal, enquanto as explicativas apenas indicam características próprias do substantivo, podendo ser retiradas do texto sem prejuízo do sentido da oração principal.

Em nenhum momento, percebe-se o estudo das o. s. adjs. como um importante aspecto da organização argumentativa do texto. O autor se limita também a explicar que essas orações se diferenciam pela entoação e pontuação, como se fossem os únicos critérios para diferenciar uma da outra. No estudo normativo da linguagem, apenas a variedade padrão, derivada da tradição gramatical, em que, apenas, a língua “construída com base nos usos de um grupo não muito amplo de escritores” (BAGNO 2011, p. 31), tem valor linguístico, ou seja, apenas a língua padrão é reconhecida como forma válida de expressão. Assim sendo, nesta perspectiva, quanto mais “pura” for a língua, melhor. Portanto, qualquer visão de língua que contraponha a língua “padrão” ou “cultura”, que não seja “pura”, é vista, nessa concepção, como degeneração da língua.

Quando falamos em ensino tradicionalista, percebe-se que há uma grande distinção entre língua falada e língua escrita, uma vez que a língua escrita é vista como canônica, e a falada, como subalterna. Bagno (2004) destaca o erro de a gramática tradicional distinguir língua falada e língua escrita. Para tanto, assevera que milhares de pessoas “nascem, crescem, vivem e morrem sem saber ler ou escrever, mas sabendo perfeitamente falar”. (BAGNO 2004, p.16).

Basta abrir qualquer gramática normativa para ver que todos os exemplos de emprego das regras gramaticais são tirados das obras de escritores, de preferência de escritores do passado [...]. O mesmo acontece com os dicionários: para justificar a definição de uma palavra, os dicionaristas dão uso dos escritores, deixando de lado [...] os significados encontrados na língua falada ou em outros gêneros de língua escrita. (BAGNO 2004, p. 17.)

Visto isso, cabe enfatizar que a gramática normativa preza conservar o modelo linguístico criado para o interesse elitista, o que Bagno (2004) afirma, ainda, não haver problema, se continuasse voltada unicamente para esse campo de investigação. Contudo, o que houve foi que a gramática tradicional universalizou-se e passou a ser um divisor de águas entre o que é “certo” e o que é “errado” na Língua Portuguesa. A gramática tradicional ou normativa funciona como um manual do que deve ser aprendido e seguido como “bom uso” da língua, “tudo o que foge a esse padrão é ‘errado’ (agramatical, ou melhor, dizendo, não gramatical) e o que atende a esses padrões é ‘certo’ (gramatical)”. (TRAVAGLIA, 2000, p. 24-25).

Cegalla (2005, p. 16), outro representante da visão tradicionalista de língua, deixa claro que a sua obra “pretende ser uma Gramática Normativa da Língua

Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual”. Desse discurso, entende-se que seu livro não abre espaço para as demais variedades linguísticas, excluindo, do seu processo de ensino, a inevitável influência das variedades faladas sobre a língua.

Quando trata das orações subordinadas adjetivas, Cegalla (2005, p. 390) afirma que são as orações que “exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal” e são classificadas de duas maneiras: explicativas e restritivas. Segundo o autor, as orações explicativas podem ser suprimidas do texto sem causar prejuízo à frase. Entendemos que o autor se expressa dessa maneira considerando apenas o ponto de vista sintático, visto que as orações explicativas, se suprimidas do texto, causarão, também, prejuízo ao sentido que se pretendeu alcançar, pois, do ponto de vista semântico-pragmático, as orações explicativas também são essenciais ao sentido do texto.

Os exercícios propostos pela gramática de Cegalla (2005) aparecem desvinculados de um contexto, pois se resumem à aplicação de frases soltas e não apresentam nenhum texto motivador para resolução das atividades. Como no exemplo a seguir:

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:
    - a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o mirava.]
    - b) Nem tudo que reluz é ouro.
    - c) “São amiguinhas a quem quero bem.” (Vivaldo Coaraci)
    - d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
    - e) “O presente é a bigorna onde se forja o futuro.” (Victor Hugo)
- [...]  
(CEGALLA, 2005, p. 392-393)

Exemplos como esses estimulam o professor a dar suas aulas apenas do ponto de vista tradicional, sem reflexão sobre os usos da língua. E o aluno, que já considera uma tarefa árdua aprender LP, desmotiva-se ainda mais.

No que tange ao ensino de língua, a gramática tradicional ou normativa ainda prevalece, já que muitos professores optam por adotar manuais de ensino que defendem o ensino gramatical prescritivo. O ensino prescritivo constitui-se no ato de decorar e aceitar os padrões impostos pela gramática tradicional.

O ensino prescritivo objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis [...] é, portanto, um ensino que interfere com as habilidades linguísticas

existentes. É ao mesmo tempo proscritivo, pois a cada “faça isto” corresponde um “um não faça aquilo”. (TRAVAGLIA, 2000, p.38.)

Essa metodologia prescritiva abomina toda e qualquer variação que não seja a “cultura”, privilegia a língua escrita enquanto a falada passa longe de ser reconhecida.

Cunha e Cintra (2001) também entendem que a língua deva ser ensinada de acordo com os padrões linguísticos advindos do falar elitista, uma vez que a sua obra

trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descaramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas. (CUNHA E CINTRA, 2001)<sup>1</sup>

Os referidos autores reconhecem a existência de outras variedades linguísticas, mas colocam-nas no plano de “linguagem coloquial”, atribuindo a elas valores afetivos dos quais inferimos não poderem ser analisada academicamente.

Sobre as orações subordinadas adjetivas, os autores explicam que essas “vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 601), e que são dependentes de termos antecedentes que tenham como núcleo um substantivo que exerça qualquer função sintática. Quanto ao sentido, as o. s. adjs. são classificadas como restritivas e explicativas.

As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam, ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

És um dos raros homens / que têm o mundo nas mãos. /  
(A. Abelaira, NC, 121.)

Certamente não perdoa o abandono / que lhe voltei. /  
(N. Piñon, FD, 98)

As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido essencial da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

Tio Cosme, / que era advogado, / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.

---

<sup>1</sup> Página sem numeração



(Machado de Assis, OC, I, 734.)

Eu, / que não tenho nenhuma certeza, / sou mais certo ou  
menos certo?

(F. Pessoa, OP, 324)

(grifos no original)

(CUNHA & CINTRA, 2001, p. 604)

Percebe-se que o autor esclarece cada característica de ambas as classificações, porém os exemplos utilizados não aparecem sob a orientação de um texto motivador, como foi percebido, também, nas demais gramáticas analisadas, o que nos permite afirmar que na perspectiva tradicional o texto não é elemento primordial para análise linguística. Os autores também se utilizam, em seus exemplos, de frases de escritores ou pensadores renomados, o que confirma o fato de que a língua, em muitos manuais, ainda é estudada com base na variedade “cultura” da língua.

O ensino pautado na perspectiva tradicionalista consiste em um ensino padronizado, pois “a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita” (TRAVAGLIA 2000, p. 30). Conceitos meramente estruturais, nessa visão tradicional, são suficientes para que o aluno aprenda a sua língua. Dessa forma, não interessa a função discursiva que a o. s. adjs. desempenha dentro de um texto, mas a sua classificação sintática desvinculada de fatores extralinguísticos.

### 1.2.2 A gramática escolar como fiel reprodutora do viés tradicionalista

O discurso da gramática escolar é fundamentado na gramática tradicional, uma vez que “privilegia uma determinada língua, excluindo, de uma possível e riquíssima discussão, todas as outras variedades linguísticas” (RODRIGUES, 2011, p. 24). Como se pode ver na análise feita da gramática escolar **Aprender e Praticar**, de Mauro Ferreira.

Essa gramática reconhece a necessidade de estudar outras variedades linguísticas, mas, quando se analisam as atividades propostas, volta-se àquela visão tradicionalista, que, como já se fez menção, prioriza a prescrição de regras e nomenclaturas. Quanto aos estudos de linguagem propostos por essa gramática, o autor disponibiliza a primeira parte do seu material denominada “O universo da

linguagem” para a contemplação dos estudos de variações linguísticas e significados. Mas, quando se analisa a seção designada para os exercícios, ao final de cada capítulo, percebe-se que o método utilizado é prescritivo; a língua é tratada arbitrariamente. O aluno que aprende com base nesse guia vê-se obrigado a decorar regras e nomes, como se observa no seguinte enunciado de exercício de orações subordinadas adjetivas:

Somente em um dos dois períodos abaixo é imprescindível colocar duas vírgulas. Indique-o, coloque as vírgulas e explique porque elas são necessárias. Depois explique porque o outro período pode ficar sem as vírgulas. (FERREIRA, 2011 P. 532).

Do exercício acima, pode-se constatar que o mais importante é aprender as regras estruturais da língua, pois não solicita que o aluno faça nenhuma reflexão sobre os possíveis efeitos de sentido causados pelas o. s. adjs., preocupando-se apenas em saber se o aluno sabe utilizar devidamente as vírgulas. Atividades dessa natureza não contribuem para que o aluno compreenda o real sentido de estudar a língua. Quando se trata de conceituar as o. s. adjs., Ferreira (2011, p. 530) define as orações subordinadas adjetivas como orações que apresentam função morfológica de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal quando associadas a substantivos ou pronomes anteriores. Ferreira (2011) afirma, ainda, que as o. s. adjs. são precedidas dos seguintes pronomes relativos *que, qual, quem, onde, cujo, quanto*, os quais têm função de retomar informação expressa pelo substantivo referido. Quanto à classificação, as o. s. adjs., nas palavras de Ferreira (2011), podem ser adjetiva restritiva, quando especifica o sentido do termo referido sendo, na escrita, identificada pela ausência das vírgulas; ou adjetiva explicativa, reforçando uma característica própria do substantivo ou pronome, por ela, referido e, ao contrário da restritiva, na escrita, distingue-se por aparecer entre vírgulas.

O conceito exposto por Ferreira não traz nenhuma reflexão sobre os efeitos semântico-discursivos provenientes da o. s. adjs. nos enunciados linguísticos, limitando-se a ensiná-las do ponto de vista puramente gramatical. Nota-se, do discurso de Ferreira (2011), que ele tenta valorizar as diversas variedades linguísticas, mas reconhecer outras formas de falares é um avanço no que diz respeito ao ensino linguístico, mas não basta. A questão está além da aceitação das diversas variedades, é necessário que haja modificação na forma de entender os

fenômenos linguísticos e levar essa reflexão para dentro da sala de aula, de forma que os alunos sintam-se parte do sistema.

Observa-se que, do ponto de vista da gramática escolar, a língua ainda é ensinada de forma desconexa, com frases soltas, desvinculadas de um contexto real, usando o “texto como pretexto” o que pode vir a confundir o trabalho do professor. Dessa maneira, nessa gramática, não ocorre a devida reflexão acerca da variação linguística e, assim, “os conceitos de variação e mudança são tratados apenas como mais um conteúdo a ser dado no início do ano letivo” (RODRIGUES 2011, p. 66), o que contraria os PCNEM (BRASIL, 2000), dos quais trataremos ainda neste capítulo.

### 1.3 Abordagem funcionalista para o ensino de LP

O funcionalismo linguístico nasceu da necessidade de “estudar a relação entre a estrutura gramatical e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (MARTELOTTA, 2012, p.157). Essa corrente apresenta-se em dois níveis: radical – propõe que não deve haver estudo da sintaxe –; e, moderado – propõe interação entre forma e função.

A proposta defendida nessa pesquisa é a do funcionalismo moderado, que tem, como principais idealizadores, Dik e Halliday, que enfatizam “a importância da semântica e da pragmática para a análise da estrutura linguística” (NEVES, 1997, p. 56), de forma que tanto a estrutura da língua quanto sua funcionalidade sejam elementos passíveis de investigação em sala de aula. Logo, essa vertente propõe que forma e função estabelecem relação de complementaridade.

A corrente Funcionalista propõe que a língua seja estudada a partir do ponto de vista interacionista, visto a linguagem ser instrumento de comunicação e se constituir por meio das interações sociais. Esse pressuposto pode ser estendido para a sala de aula, onde o professor de LP pode partir de situações reais de uso de seus alunos, fazendo-os entender que são parte integrante do processo linguístico.

Para a corrente funcionalista, a língua não deve ser vista, pois, como um sistema autônomo, que se constrói em si e por si mesma, como pregam as correntes tradicionais. Do ponto de vista educacional, o professor pode mesclar o ensino dos padrões gramaticais pré-existentes com a reflexão sobre o uso da língua em situações comunicativas.

Aprender a língua, seja de forma natural no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, implica sempre reflexão sobre a linguagem, formulação de hipóteses e verificação do acerto ou não dessas hipóteses sobre a constituição e funcionamento da língua. Quando nos envolvemos em situações de interação há sempre reflexão [...] sobre a língua. (TRAVAGLIA, 2000 p. 107).

Nesses termos, o ensino da língua não deve ser pautado em descrições gramaticais desconexas dos usos reais. É necessário que o professor de Língua Portuguesa leve para a sala de aula um ensino de língua dinâmico, convidando os alunos a refletirem sobre as funções da língua na sociedade em que eles vivem. A gramática, portanto, não deve ser verdade absoluta, mas um aporte, de forma que o aluno desenvolva, a partir dela e da reflexão do uso da língua, a sua competência comunicativa.

Segundo Amorim (2010), em seu estudo sobre o ensino das orações subordinadas adjetivas na perspectiva funcionalista, o ensino de LP deve priorizar o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, de forma que, no que concerne o ensino das o. s. adjs. se considere tanto a sua dimensão formal, quanto a sua dimensão significativa, permitindo ao aluno compreender a relação existente entre a forma e a função.

Conforme Martelotta (2012), as principais escolas fundadoras do funcionalismo linguístico foram as de Praga, representada pelos russos Nikolaj, Trubetzkoy, e Roman Jakobson, que fizeram suas primeiras análises funcionalistas voltadas para os estudos fonológicos; a de Genebra, que teve como principais representantes: Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei, e foco no estudo da estilística, em que língua e fala não são vistas como variáveis melhor ou pior; a de Londres, que teve como precursor Michael K. Halliday, que se aprofundou no estudo das funções do enunciado, do texto e das unidades linguísticas menores; e por fim, o Grupo holandês, em que Simon Dik propôs o estudo minucioso das funções, aprofundando na reflexão das funções sintática, semântica e pragmática. O teor de suas pesquisas linguísticas foi o precursor do funcionalismo atual, o qual se baseia na ideia de que a língua deve ser estudada com base em três princípios básicos: a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Apesar de o foco ser diferente, todas as escolas desenvolveram uma perspectiva que se preocupasse com as funções linguísticas, apreciando as influências de fatores externo à língua.

Portanto, o docente que adotar em sala de aula uma visão mais funcional da língua, mesclará o ensino da estrutura gramatical com questões de sentido, de criação e de reconhecimento de discursos. Se o contexto social e as relações de sentido e significado não são observados, não faz sentido ensinar a língua apenas pelo viés estrutural, porque o aluno se sentirá à parte do sistema e não compreenderá a importância nem a necessidade de estudar uma língua que ele desconhece. Nesse sentido, as escolas funcionalistas defendem que o sistema linguístico extrapola o limite da estrutura e vai buscar sentido nas situações comunicativas, nos contextos discursivos e nas condições de uso da língua.

Segundo Cunha (*et al.*, 2012, p. 157):

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhado-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. [...] vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa [...] a motivação para os fatos da língua [...] procura explicar as regularidades observada no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas.

Dessa forma, a gramática que os tradicionalistas insistem em cravejar como verdade única, no que tange ao ensino de língua, é vista, pelos funcionalistas, como mais um recorte dos estudos da língua, o qual não deve ser entendido como melhor ou pior. Ao lado dos estudos tradicionais, concorrem questões igualmente relevantes como mudança e variação, pois é a partir delas que se estabelece relação entre a opção utilizada pelos falantes para se expressarem e os padrões previamente estabelecidos pela língua.

### 1.3.1 O ensino das orações subordinadas adjetivas sob o viés da abordagem funcionalista

Linguistas funcionalistas, como Marcos Bagno (2011) e Ataliba de Castilho (2012), definem as o. s. adjs. como orações que possuem funções sintáticas e pragmáticas dentro das construções linguísticas do Português falado e escrito. Dessa maneira, essas orações funcionam, sintaticamente, como adjunto adnominal de um termo da oração principal, complementado o sentido do substantivo referido, e pragmaticamente, como construtoras do discurso. Para tanto, se encontram

encaixadas no sintagma nominal, a fim de caracterizar o substantivo ou pronome que funcione como tal.

Nas palavras de Marcos Bagno (2011, p. 900), “as sentença adjetivas são aquelas que contêm um pronome relativo”, embora estejam cada vez mais estanques na gramática do português brasileiro, pois tanto nos registros escritos mais formais quanto em uma conversa menos formal, os usuários do português brasileiro optam pelo uso de um único pronome em detrimento dos demais pronomes relativos estudados em aula de LP que priorizam o ensino tradicional: cujo, qual, quem e onde. Essa afirmação reforça a ideia de a língua ser um elemento vivo que se constrói e se renova por meio das relações sociais.

Complementando essa informação, Bagno (2011) afirma que “os pronomes relativos se reduziram no PB falado a um simples conector – que –, sem nenhuma propriedade pronominal”. A essa questão, Castilho (2012) sustenta que a despronominalização do relativo favorece a construção de sentenças adjetivas copiadoras e cortadoras – que serão explicadas ainda no decorrer desta seção.

As o. s. adjs. são elementos linguísticos essenciais para a compreensão do sentido do texto<sup>2</sup> ao qual estão inseridas, pois, além de fornecerem informações pertinentes à construção da ideia defendida no texto, organizam-no, deixando-o tanto coeso quanto coerente, pois o autor oferece ao seu leitor informações relevantes para restringir um determinado sintagma ou para atribuir a ele um dado a mais que o autor do texto considere importante para a ideia debatida. São, portanto, “uma estrutura de encaixamento” (BAGNO 2011, p. 900) que funcionam como “uma estratégia de síntese” BAGNO (2011, p. 900), em que o relativo *que* retoma o elemento referido na sentença anterior e introduz a oração adjetiva.

Castilho (2012) explica que as orações adjetivas podem apresentar-se encaixadas em qualquer sintagma; porém, alguns sintagmas estão sujeitos a receber prioritariamente tais orações. A título de exemplo, está o sintagma nominal de sujeito, que é mais propenso a receber o. s. adjs., uma vez que o sujeito é o lugar das informações compartilhadas, pois, segundo Castilho (2012, p. 367), “é mais fácil processar a informação contida no sintagma nominal de sujeito” que em sintagmas nominais de objeto direto, do objeto indireto e assim por diante.

---

<sup>2</sup> O texto nesta pesquisa está se referindo ao texto escrito, visto que texto é um evento comunicativo que pode ser tanto escrito, falado ou visual.

Ensinar a língua pela ótica funcionalista requer mudança nos hábitos metodológicos do professor em sala de aula. Esse precisa levar, para dentro de seu ambiente de trabalho, propostas que despertem o interesse de seus alunos, mostrando-lhes que existe relação de contiguidade entre a estrutura sintática e a prática discursiva, como se pôde observar com as o. s. adjs., que funcionam dentro do texto como elementos linguísticos que proporcionam a construção do efeito de sentido, uma vez que atribuem aos sintagmas aos quais se encaixam informações importantes que correspondem ao interesse do autor.

### 1.3.2 Fenômenos decorrentes das diversas situações comunicativas: Sentenças adjetivas copadoras e cortadoras

Nas sentenças adjetivas padrão, o pronome relativo *que* assume o papel das funções exercidas por um substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto complemento nominal.

Porém, as sentenças adjetivas copadoras e cortadoras estão cada vez mais frequentes na fala e na escrita dos brasileiros em substituição das sentenças adjetivas padrão, daí a necessidade de estudá-las. Essas orações possuem a mesma capacidade de comunicação que as adjetivas padrão, pois consistem na relativização de duas informações sobre um mesmo referente. A diferença que temos é causada simplesmente pela quebra da estrutura sintática exigida pela norma padrão, em que copadoras e cortadoras consistem na despronominalização do pronome relativo *que*.

Na adjetiva copadora, o *que* perde a sua capacidade de retomar o sujeito à qual se referia, e se reduz a um conector entre duas orações. A função sintática exercida pelo pronome, na adjetiva padrão, passa a ser exercida por “um pronome pessoal preposicionado ou não” (CASTILHO, 2004, p. 367) retomando a informação contida no referente.

Na sentença adjetiva padrão, segundo Bagno (2004), a língua prevê que o falante se expresse assim:

- (a)           Essa é uma rua **de** que nunca ouvi falar.

Porém a relativa copiadora mostra que não é bem assim que acontece, pois o falante vai preferir usar outra forma de expressão como vemos em (b):

(b) Essa é uma rua que nunca ouvi falar **dela**.

A outra sentença que também decorre da despronominalização do relativo é a adjetiva cortadora que, segundo Bagno (2004), é uma opção dos falantes cultos, em relação à construção sintática, para não parecerem pedantes ao usarem a norma padrão, imposta pela tradição gramatical, e nem ignorantes ao usarem a relativa copiadora, que é vista como forma de falar das pessoas menos instruídas. Ainda com base nos exemplos de Bagno (2004), a adjetiva padrão se constitui da seguinte forma:

(c) Esse é um filme de que eu gosto muito.

Mas o falante culto do português brasileiro vai preferir se expressar de outra forma, como mostra o exemplo que segue:

(d) Esse é um filme que eu gosto muito.

Percebe-se que, ao contrário das sentenças copiadoras, as cortadoras constituem-se no apagamento do pronome pessoal, visto como marca de desprestígio.

Por ser um fenômeno recorrente da fala dos brasileiros, sugere-se que o professor de LP leve essa discussão para dentro da sala de aula, mostrando aos alunos que a norma padrão mostra um modelo linguístico que deve ser seguido, mas que o falante prefere seguir outros padrões de expressão, uma vez que ambas as formas de uso das sentenças adjetivas são opções do falante que tende a utilizar a língua em sua forma mais dinâmica e flexiva, visto que a língua padrão está distante dos diversos falares, sejam eles formais ou informais.

#### **1.4 ESTUDO DESCRITIVO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS**

O estudo descritivo da gramática traz reflexões tanto da tradição gramatical como do estudo da língua em uso, uma vez que, mesmo reconhecendo a



diversidade linguística, pauta seus dados somente na “variedade padrão escrita do português em uso no Brasil” (AZEREDO 2008, p. 25). Para tanto, esse guia busca mostrar que a Língua não pode ser compreendida unicamente pelo viés tradicional, deixando claro ser possível estabelecer um diálogo entre a variedade “padrão” ou “cultura” com as outras variedades consideradas menos formais, porém igualmente válidas. Com base nisso, o autor opta pelo foco “essencialmente descritivo, sem prejuízo, contudo, de considerações de ordem normativa” (AZEREDO 2008, p. 26). Destarte, o autor partilha da ideia de “que a atividade comunicativa por meio da palavra é sempre um acontecimento sociocultural” (AZEREDO 2008, p. 27) e que, por isso, no estudo da língua, todas as variedades linguísticas devem ser validadas como formas de expressão nas mais diversas atividades comunicativas.

De acordo com a ideia defendida por Azeredo (2008), o efeito discursivo causado pelas o. s. adjs., dentro de um texto, é fruto da junção da forma e função, ou seja, da estrutura sintática e das informações inerentes ao contexto de uso ao qual o sujeito está inserido.

A discursividade e a gramaticalização são elementos básicos para o estudo da língua, já que o discurso do falante, influenciado pelas condições de uso, molda os padrões pré-estabelecidos.

Se ampliarmos essa perspectiva para o ensino, cabe ao professor de LP entender que os modos de falar e de expressar dos alunos precisam ser reconhecidos. Ao contrário do que impõem os padrões tradicionalistas, o educador pode ensinar a língua a partir da base estrutural linguística em conjunto com o contexto sociocultural em que vivem os educandos. Assim sendo, o aluno passa a se reconhecer como participante ativo e competente no que concerne à atividade linguística. Assim, entenderão que estudar as o. s. adjs. vai muito além da simples análise sintática. Na produção de um texto, por exemplo, saberão que as o. s. adjs. são uma opção discursiva capaz de fortalecer a ideia defendida por eles.

O estudo da gramática, como já foi visto, precisa estar vinculado a questões semânticas e pragmáticas. Para tanto, as relações sociais devem ser levadas para dentro do ambiente escolar. Na abordagem tradicional, pouco se fala em considerar os contextos de uso como elementos motivadores no ensino de língua. Quanto ao estudo das orações subordinadas adjetivas, limita-se a ensiná-las somente do ponto de vista sintático; assim não importa o efeito discursivo causado por elas dentro do texto, desde que a análise sintática esteja correta.

## 1.5 O ENSINO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS NO LIVRO DIDÁTICO

O Livro didático é material bastante comum para o ensino de língua portuguesa. Por isso, o Ministério da Educação - MEC, órgão que cuida da avaliação dos livros didáticos – LD a serem distribuídos às escolas, disponibilizam-nos no Plano Nacional do Livro Didático, guia que visa auxiliar os profissionais de educação nas escolhas dos LD a serem utilizados durante o ano letivo. O PNLD de Língua Portuguesa do ano de 2012 traz, em sua composição, contribuições para o ensino de LP com base nos livros didáticos, frisando a importância de valorizar as variedades linguísticas advindas do corpo discente:

[...] o aluno do EM se encontra numa situação própria, a que se convencionou chamar **condição juvenil**. Em oposição tanto à condição social do adulto quanto à da criança, a condição juvenil é constitutiva da situação do aluno do EM, o que certamente lhe dá um perfil próprio, como sujeito de aprendizagem.(grifo no original). (PNLD 2012, p 8)

O aluno do Ensino Médio, segundo o que propõe o PNLD, quanto ao ensino de língua e linguagens, é sujeito que carrega consigo mesmo diversas atribuições socioculturais. Para tanto, suas particularidades devem ser tratadas como parte integrante do ensino. Dessa forma, o professor de Língua Portuguesa, mesmo tendo o LD como aporte teórico para suas aulas, deve optar por um ensino inovador que estabeleça dialogicidade<sup>3</sup> entre a tradição e a inovação linguística.

O livro didático “Linguagem e Interação – volume 3”, adotado em algumas escolas da rede pública de ensino do DF, inclusive onde esta pesquisa foi realizada, sugere uma proposta inovadora, pelo menos em seu discurso.

Os autores do livro didático em análise asseveram que “os estudos de linguagem são propostos de uma forma que procura ser, sempre, a mais agradável e significativa” (FARACO, MOURA, MARUXO JR, 2010, p.3), de forma que o aluno possa compreender “as muitas relações” (FARACO, MOURA, MARUXO JR., 2010 p. 3) existentes entre a linguagem que ele utiliza nas situações diárias de comunicação e a linguagem empregada nas situações mais formais.

---

<sup>3</sup> Troca ou discussão de ideias entre duas distintas variantes.

Esse discurso que, aparentemente, mostra interesse em ofertar um ensino dinâmico, repete-se quando o autor conceitua as orações subordinadas adjetivas, objeto desta pesquisa:

As orações subordinada adjetivas, assim como os adjetivos, estão ligadas à atividade discursiva de caracterizar um termo ou uma informação expressa no texto. Podem ligar-se à oração por meio dos pronomes relativos ou ser orações reduzidas. (FARACO, MOURA, MARUXO JR., 2010, p.346)

Porém, esse livro trata de um assunto de grande relevância para a compreensão da linguagem de forma rasteira e superficial. Além desse conceito, não há qualquer outra tentativa de explicar o que são e para que servem as o. s. adjs.. O livro didático adotado pela escola de Ensino Médio do Paranoá-DF, em que foi feita a pesquisa, não traz nenhuma reflexão sobre a funcionalidade semântico-pragmática desse conteúdo. Das poucas atividades propostas por esse material, encontrou-se a seguinte, ao final do capítulo, que não propõe ao aluno reflexão sobre os efeitos discursivos causados pelas orações no texto de referência:

Releia o texto 1 deste capítulo.  
 a) Qual a finalidade dele?  
 b) Localize o quarto parágrafo desse texto.  
 c) Que tipo de oração subordinada predomina nesse parágrafo? Por quê?  
 d) Localize o quinto parágrafo desse mesmo texto.  
 e) Que tipo de oração subordinada predomina nesse parágrafo? Porquê? (FARACO, MOURA, MARUXO JR 2010, p. 347).

Essa visão tradicionalista da língua limita-se à análise do código linguístico, uma vez que os fatores externos não influenciam na proposta linguística estabelecida no ambiente escolar. Nessa concepção, a língua molda o sujeito, enquanto que, na visão funcionalista, o sujeito molda a língua assim como a língua molda o sujeito.

## **1.6 O ENFOQUE DADO PELOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - ENSINO MÉDIO – PCNEM AO ENSINO DE LP**

Os PCNEM (2000) foram criados pelo Governo Federal com o objetivo de auxiliar o profissional de educação no exercício de suas atribuições. Dessa forma, os

PCNEM são referências curriculares que propõem a reforma curricular dos princípios que regem a educação básica. Assim, defendem que os conhecimentos transmitidos nas aulas de LP devem estabelecer relações com os contextos reais em que se insere a comunidade escolar.

Esses parâmetros defendem que, no ensino de LP, a linguagem é considerada uma capacidade humana que o sujeito possui de associar significados advindos das atividades socioculturais aos “sistemas arbitrários de representação” (PCNEM, 2000, p. 40), o que nos permite pensar que o ensino pautado no que propõe os PCNEM seria o mais viável, pois vai ao encontro do que defende a perspectiva funcionalista, como mostra Martelotta (2012, p. 157):

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhado-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua.

Quanto ao ensino de LP no Ensino Médio, as bases de referência preveem que a língua está “situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente e mergulhado” (PCNEM, 2000, p.17) e não “divorciada do contexto social vivido” (PCNEM, 2000, p. 17). Por isso:

[...] a análise gramatical deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. (PCNEM, 2000, p.21)

O diálogo existente entre o que defende os Parâmetros Curriculares Nacionais e o que defende a perspectiva funcionalista de ensino prioriza o ensino dialógico entre o sistema linguístico padrão e o contexto social. Assim, levando essa discussão para as aulas de LP, o professor deve promover um ensino reflexivo entre forma e função, mostrando ao aluno que ele é sujeito ativo dentro do processo de construção linguística, capaz de interagir, de comunicar e de se expressar dentro e fora do contexto escolar.

## 1.7 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LP NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Os gêneros textuais são “textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos” (MARCUSCHI, 2008, p. 155) entre outras características.

Bakhtin (1979 *apud* Marcuschi 2008, p.208) “aponta os gêneros textuais como esquemas de compreensão e facilitação da ação comunicativa interpessoal”. Desta forma, o educador deve convidar os alunos a compreenderem o que são, para que servem e, como consequência disso, entenderem como e quando usar os gêneros textuais. Assim, o aluno será capaz de desenvolver sua capacidade de “interação e raciocínio” (MARCUSCHI, 2008, p. 208).

O aluno precisa saber que, assim como acontece com a língua, os gêneros textuais também se modificam e se adaptam devido às condições de produção: o ambiente, os interlocutores, a intenção do falante, pois são elas que “determinam a escolha do gênero textual” (GOLDSTEINET ALI, 2009, p. 12).

**A distribuição da produção discursiva em gêneros tem como correlato a própria organização da sociedade,** o que nos faz pensar no estudo sócio-histórico dos gêneros textuais como uma das maneiras de entender o próprio funcionamento social da língua. (MARCUSCHI, 2008, P.208)

Dessa afirmação, entende-se que os gêneros textuais são imprescindíveis ao ensino de LP na perspectiva funcionalista, a qual defende que o ensino de LP deva ser ensinado com base nas atividades sociais, em que as relações interacionais sejam tão importantes quanto a análise estrutural.

Outro fator que envolve a compreensão dos gêneros textuais está na produção desses gêneros. Para tanto, o aluno precisa tanto reconhecer quanto escrever gêneros textuais. Koch e Elias (2011) defendem que a escrita faz parte da vida de qualquer sujeito que se encontra em situações que exigem a prática da escrita, seja ela por meio de gêneros mais formais, ou menos formais. Por esse motivo, há a necessidade de valorizar a escrita em sala de aula. Segundo as autoras, escrever é uma atividade que envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural). Dessa forma, o aluno

precisa conhecer a norma padrão, tanto quanto saber usá-la de acordo com os seus interesses expressivos na escrita. Entende-se, porém, que, tão importante quanto ler e compreender gêneros textuais, há a necessidade de sabermos produzi-los, pois somos diariamente obrigados a conviver com eles.

Os PCNEM (2000, p. 18) propõem que “o aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano”. A partir disso, entendeu-se necessária a análise linguística das o. s. adjs. com base na produção escrita do gênero *artigo de opinião*, descrito na próxima seção, pois, como afirma Koch e Elias (2011), ao dissertarem sobre esse tema, asseveraram que cabe à escola promover ao aluno a familiaridade com os diversos gêneros, sejam eles próximos ou distantes de sua realidade social. Pois, segundo Amorim (2010), em seu estudo sobre as orações subordinadas adjetivas, os alunos da educação básica apresentam dificuldades em interpretar tais orações quando estão vinculadas a um contexto, daí a necessidade de se estudar a língua sob a perspectiva funcionalista, a qual prioriza o ensino dialógico entre a forma e a função.

### 1.8 A construção da argumentação no gênero artigo de opinião

O gênero *artigo de opinião* caracteriza-se por expor, de maneira clara, o ponto de vista do escritor, buscando convencer ou persuadir o leitor acerca do tema defendido. Como podemos observar nos conceitos de Goldstein (2009, p. 97):

O artigo de opinião é [...] um gênero que possibilita ao autor expor livremente o seu modo de pensar, o seu ponto de vista sobre uma questão controversa, e que se destina a convencer o leitor por meio de uma argumentação sustentada sobre essa posição.

Escolheu-se trabalhar com esse gênero porque incita o estudante a pensar criticamente sobre temas de relevância social e, conseqüentemente, nos recursos linguísticos fundamentais para a construção da argumentação, como no caso das o. s. adjs. que permitem maior dinamicidade na linguagem textual. Ao estudar o gênero *artigo de opinião*, não há como não tratar da argumentação, para tanto, precisa-se entender o que é a tipologia argumentativa, tão presente em textos opinativos.

O escritor desse gênero posiciona-se favoravelmente ou contra o assunto abordado, mas, para isso, é imprescindível que se compreenda a necessidade de

fazer uso de argumentos que sustentem a opinião defendida. Há alguns fatores complementares relevantes para a boa construção e compreensão do gênero, como por exemplo: conhecimento do assunto abordado, a subjetividade de quem escreve, e a boa argumentação, por meio do uso das o. s. adjs., podem produzir um texto coerente.

Para Köche e Marinello (2010), a apresentação de informações que sustentem a intenção do autor, no gênero *artigo de opinião*, devem constantemente aparecer na construção do texto, para que assim, o leitor seja sempre lembrado do viés defendido. Essas informações que reforçam a reflexão advogada no decorrer do artigo podem aparecer sob o pensamento de pessoas especialistas no assunto por meio da apresentação de provas ou exemplos, apelando para o sentimento.

Dessa forma, os argumentos enriquecem a produção e construção do gênero, incitando o leitor a lembrar-se, sempre, do ponto de vista levantado, compartilhando ou não do mesmo pensamento.

O enfoque dado por essa pesquisa ao uso e reconhecimento das o. s. adjs. como formuladoras da argumentação e, conseqüentemente, como construtoras dos efeitos discursivos alcançados por alunos do 3º ano do Ensino Médio na construção desse gênero foi imprescindível para a pesquisadora perceber de que forma acontece o ensino dessas orações no ensino básico. Visto ser necessário que o aluno estude a gramática vinculada ao texto, e não dissociada dele.

## **1.9 RESUMO DO CAPÍTULO**

Neste capítulo, tratamos das diferentes formas disponíveis para o ensino das orações subordinadas adjetivas, perpassamos pelas abordagens tradicionais, funcionais e também pelo estudo gramatical descritivo. Com intenção de mostrar como os manuais didáticos atuais oferecem o ensino das orações subordinadas adjetivas, analisamos dois guias que apresentaram uma visão incompleta do estudo da o. s. adjs.. Citamos, também, documentos como os PCN e PNLD, fundamentais no auxílio do trabalho do profissional de educação a fim de proporcionar melhores condições de ensino.

A análise do reconhecimento da funcionalidade dessas orações, por parte dos colaboradores, aconteceu de forma bastante inovadora, em que procuramos reconhecer, na escrita do aluno, ocorrências de orações adjetivas fundamentais para

a argumentação do artigo, em contraponto com entrevista direcionada a tais ocorrências. Entendemos que análises desse tipo contribuem para posteriores estudos acerca das funções discursivas das orações subordinadas dentro dos processos de construção e consequente extrapolação dos estudos aprisionados à análise estrutural.

Visto isso, no próximo capítulo, relatamos a metodologia utilizada para elaboração da referida pesquisa.



## 2 – METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os métodos utilizados para a construção desta pesquisa, que tem como objetivo investigar se estudantes do último ano da educação básica reconhecem, em sua própria produção escrita, que as orações subordinadas adjetivas possuem caráter discursivo.

Sabe-se, no entanto, da necessidade de estruturar adequadamente trabalhos científicos. Para tanto, a pesquisa adotou uma metodologia que permitisse coletar e analisar satisfatoriamente os dados a fim de encontrar respostas para os seguintes questionamentos: *os alunos fazem uso de orações subordinadas adjetivas ao produzirem o gênero artigo de opinião? Os alunos reconhecem a função discursiva que possuem as orações subordinadas adjetivas dentro do gênero artigo de opinião? Os alunos reconhecem a diferença de sentido existente entre as orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas?*

Lakatos e Marcone (2003) afirmam ser de suma importância a coleta de dados para elaboração de qualquer pesquisa, pois são esses dados que garantem a construção e obtenção de respostas aos questionamentos levantados.

Para Fonseca (2002, p. 20), a pesquisa processa-se “através de aproximações sucessivas da realidade, oferecendo-nos subsídios para uma intervenção no real”. Dessa maneira, o pesquisador se aproxima da comunidade a qual pretende estudar com o objetivo de conhecê-la e perceber fatores interessantes para uma possível averiguação aprofundada, podendo esses fatores já serem pré-determinados por interesse particular do pesquisador. Para cada pesquisa, portanto, elegem-se métodos e técnicas diferenciados a fim de que se alcancem os objetivos pretendidos.

Num primeiro momento, apresentamos conceitos norteadores para a compreensão do que vem a ser pesquisa de natureza qualitativa e a pesquisa de natureza quantitativa, para que se entenda a relevância de seus métodos dentro do processo de produção deste estudo. Em seguida, explicamos o porquê da escolha quali-quantitativa para servir de base de análise dos dados obtidos neste trabalho. Na sequência, são apresentados os procedimentos adotados para a coleta de dados e, por fim, relatadas as atividades aplicadas aos colaboradores.

## 2.1. PESQUISA QUALITATIVA

A abordagem qualitativa “provém da tradição epistemológica conhecida como interpretativismo”<sup>4</sup> (BORTONI, 2008, p. 10) e visa descrever a realidade de grupos sociais por meio da interpretação e compreensão, do ponto de vista do sujeito sobre os fatos investigados.

Neste trabalho, pesquisou-se a realidade de estudantes do 3º ano de uma escola da rede pública de ensino do DF, no que diz respeito aos conhecimentos adquiridos por eles durante a vida escolar, em relação ao emprego das o. s. adjs. como estratégia discursiva na produção do gênero textual artigo de opinião. Desta forma, a pesquisadora procurou, por meio da aplicação de atividades específicas, perceber as ocorrências dessas orações em atividade de intervenção feita com base em uma perspectiva funcionalista, na qual forma e função são complementares para a organização do sistema linguístico.

De acordo com J. Hughes (1980), nas palavras de Bortoni (2008, p. 13), a vertente interpretativista “busca a interpretação dos significados culturais”, visto que uma pesquisa realizada no âmbito social tem, necessariamente, que considerar as práticas sociais dos indivíduos e, conseqüentemente, seus significados, de modo que o sujeito se sinta parte do processo.

É válido mencionar que as o. s. adjs. não devem ser estudadas desvinculadas dos contextos de produção, pois, como afirma Marcuschi (2008, p. 87) “não se pode produzir nem entender um texto considerando apenas a linguagem”. Para tanto, o material didático produzido para coleta de dados, o qual é explicado ainda neste capítulo, propôs que os colaboradores produzissem o gênero artigo de opinião com base nos próprios conhecimentos e em três textos motivadores a respeito de um mesmo tema: os efeitos da Copa do Mundo no Brasil. Assim, a análise dessas produções ofereceu subsídios para a compreensão dos colaboradores quanto à importância do emprego das o. s. adjs. como formuladoras da argumentação no artigo de opinião.

Segundo Silveira e Córdova (2009 p. 31),

---

<sup>4</sup> O interpretativismo teve como principais percussores Theodor Adorno (1903-1969) e Jürgen Habermas, que lutavam contra o positivismo de Auguste Comte em prol de uma corrente que investigativa das práticas sociais e seus significados.

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...]tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação.

A abordagem qualitativa trabalha de forma que os participantes da atividade realizada tenham o mesmo grau de importância no processo de pesquisa, deixando de lado a hierarquia estabelecida pelo método puramente quantitativo, em que o pesquisador é o cientista, e o pesquisado, mero objeto de análise.

Estendendo essa perspectiva para o trabalho em aulas de LP, tanto o aluno quanto o professor são sujeitos de um mesmo processo, ambos se caracterizam por interagirem de forma que estabeleçam relação entre o conteúdo aprendido em sala de aula e o mundo exterior, no qual estão inseridos. No caso dessa pesquisa, os alunos e a pesquisadora realizaram tarefas complementadoras, em que o conteúdo o. s. adjs. dialogou com situações reais e atuais.

A pesquisa qualitativa, portanto, revela-se como investigadora das atividades humanas em diversos contextos. Nesse estudo, investigou-se a comunidade de alunos concluintes do Ensino Médio, dos quais se espera capacidade de articularem o conhecimento adquirido sobre as o. s. adjs., em aulas de LP, com as práticas sociais advindas do meio em que vivem. Porém, para que o aluno desenvolva tal capacidade é fundamental que o trabalho do professor de LP, segundo os PCN (2000, p.18):

Centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando-o a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical [...] são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos [...]

Pesquisas de natureza qualitativa estão cada vez mais integradas às práticas educacionais de profissionais empenhados em desenvolver atividades interacionais com seus alunos.

Segundo Bortoni (2008, p, 32);

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma

melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos.

Dessa forma, o professor de LP que se propõe a trabalhar com base nos fundamentos da pesquisa qualitativa, vinculando suas aulas de gramática com o contexto social dos estudantes, por meio da produção de textos que dialoguem com as atividades externas à sala de aula, além de estar em constante autoformação, certamente, terá condições de formar os alunos, também, pesquisadores tornando-os, então, cidadãos críticos. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, em compreender a realidade do grupo pesquisado e, assim, oferecer soluções possíveis para os problemas observados.

## 2.2. A PESQUISA QUANTITATIVA

Pesquisas de abordagem quantitativa caracterizam-se pela sua objetividade, empenhando-se em retratar comunidades investigadas, por meio dos dados colhidos e transformando-os em dados estatísticos. Assim, Fonseca(2002, p. 20) declara que a pesquisa de cunho quantitativo “recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre as variáveis”. Nesta perspectiva, os números refletem o resultado das pesquisas, com o objetivo de que os resultados se apresentem de forma precisa, visando à menor porcentagem de erro possível.

A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutro. (FONSECA, 2002, p. 20)

Engana-se, porém, quem pensa que a abordagem quantitativa resume-se à transcrição dos dados para linguagem estatística; pelo contrário, antes empenha-se em conhecer fatores primários com objetivo de entender os fatores consequentes que Bortoni (2008) chamou de variável independente – fenômeno pré-estabelecido – e variável dependente – fenômeno derivado da variável independente.

Para esta pesquisa, portanto, com base no estudo de Amorim (2010), as o. s. adjs. fazem parte do universo argumentativo, o que nos permitiu imaginar que elas fazem parte da construção argumentativa do gênero *artigo de opinião*. Por isso, considerou-se viável abrir uma investigação sobre as ocorrências dessas orações

em produções escritas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio e, conseqüentemente, a avaliação da percepção desses alunos quanto ao uso da o. s. adjs., sua funcionalidade dentro do gênero. Destarte, o viés quantitativo “busca explicações causais por meio de relações lineares entre fenômenos” (BORTONI, 2008, p.13).

Por conseguinte, esse estudo beneficiou-se de características fundamentais do método quantitativo, pois se baseou também na recorrência do emprego das o. s. adjs na produção textual de alunos para compreender como tal emprego influencia na construção argumentativa do gênero artigo de opinião.

### **2.3. ABORDAGEM DA PESQUISA**

Para a realização de uma pesquisa, deve-se atentar para certos fatores característicos, tendo em vista a necessidade de eleger a melhor forma de conduzi-la ao resultado esperado. Assim, escolheu-se trabalhar com a pesquisa de cunho quali-quantitativo, por apresentar características que se complementam no processo de aquisição de dados. À vista disso, esta pesquisa preocupou-se com a subjetividade dos colaboradores, sem, inevitavelmente, perpassar pela quantificação dos dados; em outras palavras, por ser uma pesquisa realizada em aulas de LP, atentou-se ao conhecimento dos alunos acerca da compreensão do uso e da funcionalidade das o. s. adjs. no gênero *artigo de opinião*, sem deixar de mensurar os dados coletados.

Gonsalves (2007), ao dissertar sobre a importância de pesquisas dessa natureza, alude à necessidade de repensar a dualidade existente entre pesquisas de cunho qualitativo e quantitativo, afirmando ser válido “distinguir níveis de intensidade presentes em cada pesquisa quando se trata de natureza de dados” (GONSALVES, 2007, pp. 69-70). Assim, nenhuma pesquisa é de todo qualitativa nem quantitativa.

Pesquisas de cunho quantitativo buscam resultados objetivos, “testando hipóteses, utilizando-se basicamente da estatística” (GONSALVES, 2007, p. 69). Desta forma, enxerga o pesquisado não como sujeito do processo, mas como um simples instrumento de levantamento de dados. Ao contrário da perspectiva quantitativa, o viés qualitativo preocupa-se com “a interpretação do fenômeno” (GONSALVES, 2007, P.69), considera-se, portanto, a opinião do sujeito quanto ao tema estudado, a fim de levantar dados que expliquem as causas do fenômeno que se propôs analisar. Desta forma, a pesquisa quali-quantitativa possui característica

de ambas as abordagens, carregando, em sua composição, características complementares.

Neste trabalho, que estuda a relação entre os fatores linguísticos e sociais, nenhuma dessas abordagens, sozinha, seria suficiente para levantar e investigar os dados, uma vez que se pretendeu quantificar as ocorrências de orações restritivas e explicativas a fim de, posteriormente, entender o motivo pelo qual os alunos optaram por utilizar uma ou outra e, também, perceber se, da forma como as utilizaram, confirmam ou não os objetivos pretendidos pelos colaboradores.

## **2.4. PROCEDIMENTOS**

Quanto aos procedimentos, fez-se uma pesquisa de campo, pois, de acordo com Gonsalves (2007, p.68), buscou-se “a informação diretamente com a população pesquisada”. No primeiro momento, contatou-se uma escola de Ensino Médio da rede pública de ensino da Região Administrativa Paranoá/DF, haja vista a necessidade de realização do Estágio Supervisionado II, componente curricular do curso de graduação em Letras, pelo Centro Universitário de Brasília – UNICEUB.

Após a liberação para realização do trabalho, escolheu-se trabalhar com uma turma de terceiro ano, com aproximadamente 45 alunos, em que a pesquisadora propôs-se a realizar, durante as horas destinadas para atividade de regência, uma sequência de aulas<sup>5</sup> a fim de utilizá-las como fonte de coleta de dados para esta pesquisa.

Todos os alunos presentes na sala de aula, nos dias da aplicação das atividades, participaram da pesquisa. Mas, por não haver tempo hábil de averiguar todas as produções, cinco delas, com mais recorrência de o. s. adjs., foram analisadas neste trabalho.

De acordo com a abordagem quantitativa, analisaram-se essas produções por terem sido o universo mais significativo quanto ao número considerável de ocorrências de o. s. adjs. E com base nos fundamentos qualitativos, tais produções foram analisadas por terem apresentado maior discussão sobre o tema: os efeitos da Copa do Mundo no Brasil e, conseqüentemente, por as o. s. adjs. aparecerem como formuladoras dos argumentos defendidos pelos alunos.

---

<sup>5</sup> Por não serem o foco desta pesquisa, as aulas não receberão maiores detalhes.

Esses procedimentos ofereceram subsídios para que a pesquisadora conhecesse o problema que cerca o ensino das o. s. adjs. na escrita do gênero textual *artigo de opinião*.

Com a intenção de compreender a influência desse ensino na aprendizagem dos sujeitos participantes, no que tange ao ensino das o. s. adjs., alguns procedimentos, que são relatados mais à frente, se fizeram necessários, para a percepção do método utilizado para o ensino dessas orações. Porém, para que se compreenda sua aplicação, antes, é preciso tomar conhecimento do que se entende por pesquisa de campo.

A pesquisa de campo diferencia-se das demais, pelo fato de conduzir o pesquisador para junto da comunidade que se pretende estudar, com o objetivo de, como afirma Gonsalves (2007), reunir informações que serão, posteriormente, relatadas e analisadas. Para isso, o pesquisador se utiliza de métodos investigativos como: observação, aplicação de entrevista ou questionários.

Confirmando o argumento expresso acima, Tripodi (1975) *apud* Lakatos & Marconi (2010, pp.170-171) afirma que se classifica a pesquisa de campo como exploratória quando:

[...] Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos [...] para as análises de dados [...] obtêm-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para um estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem emprego de técnicas probabilísticas de amostragem.

Nesta pesquisa, objetivou-se compreender a forma como os alunos empregam e compreendem a função discursiva da o. s. adjs. dentro do gênero *artigo de opinião*. Para tanto, foram aplicadas uma sondagem, para levantar as ocorrências das o. s. adjs., e um questionário<sup>6</sup> com o objetivo de entender se os colaboradores enxergam tais orações como construtoras da argumentação.

---

<sup>6</sup> A princípio pretendeu-se realizar uma entrevista, mas por indisponibilidade dos colaboradores aplicou-se o questionário, que pôde ser respondido em intervalos entre uma aula e outra.

## 2.5. COLETA DE DADOS

Com o objetivo de apurar o emprego das o. s. adjs., pelos alunos, no gênero *artigo de opinião*, e se eles têm consciência de que tal estrutura tem função discursiva, a pesquisadora optou por atuar diretamente na comunidade observada.

A abordagem quali-quantitativa permitiu à pesquisadora um leque maior de investigação, visto que os fatores positivos do recorte quantitativo (quantificação das ocorrências da o. s. adjs.) e do recorte qualitativo (interpretações dessas orações sob o ponto de vista dos colaboradores) complementaram-se e proporcionaram resultado completo para a pesquisa. Uma vez que se observou a predisposição do gênero *artigo de opinião* em comportar as o. s. adjs. em sua estrutura, enxergou-se a possibilidade de estudá-las sob a ótica da abordagem qualitativa.

Assim, foram instrumentos para a coleta de dados: uma sondagem escrita, em que os alunos produziram um artigo de opinião, a partir da leitura de três textos motivadores a respeito dos efeitos da Copa do Mundo no Brasil; e um questionário aplicado aos cinco alunos que utilizaram um número considerável de orações subordinadas adjetivas na produção escrita.

A sondagem foi aplicada como instrumento investigativo para diagnóstico do que o aluno conhecia das orações subordinadas adjetivas, no que corresponde ao seu emprego no gênero textual *artigo de opinião*. “O diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações” PCN (2000, p. 17). Pretendeu-se observar se apenas usam por usar as o. s. adjs. ou se, realmente, sabem a importância do emprego dessas orações para a construção do pensamento pretendido por eles.

O questionário utilizado para a coleta de dados é “constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (LAKATOS & MARCONI, 2010, p.184). Os colaboradores dessa pesquisa responderam ao questionário em horários diferentes das aulas ministradas pela pesquisadora. O nosso objetivo, portanto, foi, por meio desse método, instigar o colaborador a pensar sobre a função discursiva das o. s. adjs. utilizadas por eles na produção do *artigo de opinião* e contrastar o que foi respondido com o que foi feito no *artigo de opinião* produzido por eles.

Nesta pesquisa, esses instrumentos contribuíram para constatações entre o discurso (o que os alunos pretenderam ao utilizar as o. s. adjs. em suas produções)



e a prática (o que eles realmente disseram ao empregar tais orações) dos alunos a respeito da função argumentativa das o. s. adjs. dentro do gênero *artigo de opinião*. O objetivo dessa proposta foi, portanto, mostrar que, ao lado da análise sintática, existe um objetivo maior que é o de entender as funções discursivas das o. s. adjs. dentro do texto.

#### 2.5.1. Descrição das atividades

As aulas aconteceram no intervalo de duas semanas, respectivamente nas terças, quartas e quintas-feiras. Cada aula teve duração de 2 h.

Na turma colaboradora, em que os alunos têm entre dezessete e dezenove anos, foi aplicada, na primeira aula, a sondagem, em que os alunos tiveram de produzir um *artigo de opinião*, posicionando-se criticamente sobre os efeitos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Escolheu-se trabalhar com esse tema, pois se trata de uma discussão que faz parte do contexto social em que vivem os brasileiros atualmente. Segundo Voser (2010, p. 15), “o futebol, sem sombra de dúvidas, é a grande paixão dos brasileiros e encanta todas as faixas etárias”. Entende-se, portanto, que o futebol sempre foi um esporte que se fez presente na vida dos jovens de periferia. Porém, atualmente, a Copa do Mundo tem trazido grandes discussões, pois muitos brasileiros aceitam e gostam da ideia de o Brasil ter se tornado sede desse grande evento, e outra parte significativa da população não quer e protesta, constantemente, para que a Copa do Mundo não aconteça, pois acreditam que o Brasil tem outras prioridades.

Essa atividade surgiu do interesse da pesquisadora em conhecer a opinião dos estudantes a respeito do tema e, conseqüentemente, constatar se esses alunos das séries finais do Ensino Médio são capazes de empregar as o. s. adjs. dentro do gênero *artigo de opinião*, bem como perceber se eles sabem produzir o gênero. É válido mencionar a necessidade de elencar aulas de gramática vinculadas ao texto, pois como apregoam os PCN (2000, p. 18), “a unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz”. Desta forma, sugere-se que o professor de Língua Portuguesa vincule suas aulas ao contexto social, de forma que os alunos possam entender a língua como elemento que se constrói em meio às práticas sociais.

Dessa maneira, analisamos se o aluno sabe identificar não somente a função sintática das o. s. adjs., como, também, compreender a sua função argumentativa dentro do gênero.

O *artigo de opinião* foi escolhido porque trabalha com a tipologia argumentativa, com a formação de argumentos, o que deve estar altamente consolidado em estudantes que deixam a educação básica e ingressam no ensino superior, no qual terão de desenvolver ainda mais seu senso crítico. Para escrever um bom artigo de opinião, portanto, o estudante deve conhecer bem a estrutura linguística, o que implica conhecer, entre outros aspectos dessa estrutura, as orações subordinadas adjetivas.

Na segunda aula, após breve contextualização sobre o tema proposto na aula anterior – os efeitos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil – e discussão do conceito de gênero *artigo de opinião*, com destaque à sua função social,<sup>7</sup> a pesquisadora entregou aos colaboradores atividade sobre o artigo de opinião “Argumentos para continuar protestando contra a Copa do Mundo no Brasil” retirado do site [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br). Os alunos leram-no coletivamente e, após esse momento, responderam ao questionário proposto, em que as perguntas buscavam instigar os alunos a pensarem na função discursiva das o. s. adjs. dentro do texto<sup>8</sup>.

Dando sequência às aulas planejadas, na terceira aula ocorreu a correção do questionário com ênfase na reflexão sobre as funções discursivas dessas orações dentro do texto analisado.

Por fim, a aplicação do questionário aos cinco colaboradores que tiveram seus artigos selecionados para análise aconteceu em horário diferente das aulas. Essa atividade final buscou compreender a visão do colaborador sobre o uso e funcionalidade das o.s.adj. em seus textos, procurando também compreender a visão deles quanto à importância de empregar as orações bem como compreender suas funções extralinguísticas dentro do texto.

---

<sup>7</sup> Por não ser o foco desta pesquisa, não serão dadas maiores informações acerca do procedimento adotado em sala de aula no que tange a discussão do conceito de gênero.

<sup>8</sup> Por uma questão de tempo, não foi possível fazer o levantamento completo das respostas dadas pelos alunos às questões da atividade. Pretende-se, no entanto, retomar essa discussão futuramente.

### 2.5.2 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram apresentados os métodos utilizados para aplicação desta pesquisa. Foram apontadas as contribuições das pesquisas qualitativas e quantitativas para investigar fenômenos linguísticos, especialmente as o. s. adjs., os procedimentos e os instrumentos adotados para coleta de dados bem como relatadas as aulas aplicadas na turma participante da pesquisa.

Com base nos dados coletados, apresentamos, no próximo capítulo, a análise das produções escritas em conjunto com a entrevista dos cinco alunos colaboradores, visando, por meio delas, entender a forma como esses alunos enxergam o papel das o.s.adjs. na construção do gênero artigo de opinião e, conseqüentemente, refletir acerca da eficiência da educação básica nesse processo.

### **3. ANÁLISE DOS DADOS**

Esse capítulo tem por finalidade descrever e analisar os dados coletados no decorrer dessa pesquisa. Com o objetivo de responder aos questionamentos levantados, entendeu-se necessária a apresentação de trechos das produções escritas dos alunos, nos quais analisaremos as ocorrências das o. s. adjs. com base na perspectiva funcionalista de ensino e nos fundamentos dos recortes qualitativos e quantitativos.

#### **3.1. ANÁLISE DE DADOS QUANTITATIVA**

Como já é sabido, essa pesquisa aconteceu em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, com aproximadamente 45, porém as atividades de coleta de dados só foram realizadas com os alunos que se encontraram na sala de aula no dia da aplicação. Assim, 33 alunos produziram o artigo de opinião, dos quais encontramos um número de 66 ocorrências de o. s. adjs.: 53 restritivas e 13 explicativas. Observamos uma recorrência esmagadora das restritivas sobre as explicativas, o que nos permitiu pensar que os alunos têm preocupação em trazer informações novas ao texto, deixando de lado as informações baseadas no senso comum.

Dessas 33 produções, apenas cinco foram analisados do ponto de vista qualitativo. Dessa forma, dos textos analisados, encontramos um total de 18 ocorrências de o. s. adjs.. Em três dos cinco artigos, observaram-se, em cada um, 4 registros dessas orações e nos outros dois um número de 3 ocorrências. Quanto à classificação, das 18 o. s. adjs. registradas nos artigos de opinião: 55% eram restritivas e 45% explicativas.

Amorim (2010), em sua pesquisa sobre o ensino da o. s. adjs., buscou, na aplicação de atividades de leituras a seus colaboradores que tiveram de identificar em fragmento extraídos de crônicas veiculadas em jornal de grande circulação, identificar se eles reconheciam os diferentes tipos de o. s. adjs.. Porém, os seus resultados apontaram que o seu grupo de alunos pesquisados encontrou maiores dificuldades em identificar as orações restritivas, pois, segundo ela, tratavam-se de orações vinculadas a uma contextualização. Porém, na nossa pesquisa, em que o foco é observar, entre outras características, o emprego das o. s. adjs., notou-se nas produções escritas do nosso público uma predominância das orações que

delimitam o alcance significativo do sintagma nominal ao qual estão relacionadas. O que permite pensar que existe um distanciamento entre reconhecer as o.s.adjs. na escrita de terceiros e empregá-las em escritas próprias.

Esperava-se encontrar um número maior de ocorrência das orações subordinadas adjetivas, por se tratar da produção de um gênero textual que requer um grau significativo de argumentação, como afirma Amorim (2010) ao relatar que orações dessa natureza aparecem constantemente em textos de base opinativa. Mas, dos dados obtidos, analisamo-los na tentativa de compreender o reconhecimento dos alunos quanto à funcionalidade discursiva dessas orações. Para tais esclarecimentos, exporemos, a seguir, trechos dos artigos produzidos pelos alunos dando ênfase às ocorrências das o. s. adjs.e trechos das respostas adquiridas no questionário, a fim de contrapor o uso com o discurso próprio dos alunos a respeito da sua funcionalidade dessas orações dentro do artigo produzido por eles.

Pretende-se, nesta análise, mostrar a discrepância existente entre o discurso e a prática dos discentes quando o assunto é compreender as questões de sentido e significado dessas orações dentro do texto.

### 3.2. ANÁLISE QUALITATIVA

#### COLABORADOR 01

Em sua produção, o colaborador 01 fez uso de várias **o. s. adjs.**, as quais relatamos, seguidas dos questionamentos feitos a respeito delas no questionário.

Observemos a transcrição do artigo de opinião produzido pelo colaborador 01:

O Brasil vem querendo mudar, ou seja, ter uma melhoria para que os habitantes vejam uma boa imagem do país e que ele seja mais valorizado.

Mas, infelizmente, o Brasil não está se desenvolvendo de uma maneira boa, pois os nossos governantes não estão investindo muito no nosso país, que precisa de melhorias<sup>1</sup>está tendo pouca valorização nos hospitais, escolas, transportes, etc.

Em relação a copa, que acontecerá no Brasil nessa ano de 2014,<sup>2</sup>não é uma boa, pois o dinheiro que está sendo gasto no estádio<sup>3</sup>poderia ser investido em algo mais importante em que nós cidadãos precisamos ter e utilizar em nosso dia a dia<sup>4</sup>. Apesar de todos esses problemas, o Brasil é um lugar que tem a aparência bonita,<sup>5</sup> mas infelizmente não é bem investido e muito pouco valorizado.

### Primeiro caso

...Mas infelizmente, o Brasil não está se desenvolvendo de uma maneira boa, pois os nossos governantes não estão investindo muito no nosso país, que precisa de melhorias está tendo pouca valorização nos hospitais, escolas, transportes, etc.

No artigo de opinião, o colaborador expôs seu ponto de vista de forma que o leitor fosse capaz de entender seu posicionamento sobre os fatores que fazem da Copa do Mundo de 2014 um grande alvo de discussões. Porém, ao ser questionado sobre a importância da **o. s. adjs.** em destaque para a construção da ideia defendida por ele dentro do texto, para a pergunta: Qual a importância da oração “que precisa de melhorias” para a construção da sua ideia defendida dentro do texto? Obtivemos a seguinte resposta:

A importância é que estou referindo a situação em que se encontra o Brasil e relatando a verdade pois o país está passando por grandes problemas.

Entende-se dessa situação que quando passamos para análise discursiva de questões gramaticais, o aluno tem dificuldades em encontrar sentido para elas, uma vez que o aluno se limitou a dar respostas baseadas no senso comum e não fez a devida reflexão sobre a funcionalidade da oração explicativa expressa por ele. Tal oração reforça uma informação já conhecida do leitor, por isso, causa, no texto, efeitos discursivos eficientes para a defesa do ponto de vista do colaborador.

Segundo Amorim (2009), em seus constantes estudos sobre as orações subordinadas adjetivas, observou que diversos gêneros textuais de base argumentativa carregam em sua composição as orações subordinadas adjetivas como principal recurso linguístico para a construção de sentido do texto. Assim, no texto produzido pelos colaboradores, esperava-se encontrar um número significativo dessas orações, o que aconteceu, de forma não como presumíamos, pelo contrário, em quantidade inferior.

Destarte, a resposta dada pelo colaborador não foi suficiente para demonstrar os efeitos de sentido causados pela oração no texto produzido por ele.

O colaborador se limitou a dizer o que já estava expresso na oração, quando a expectativa era que ele compreendesse que tal oração é fundamental para a

defasado seu ponto de vista, pois se trata de uma **o.s.adj** que atribui uma informação importante para a compreensão de sentido do texto, visto que se refere ao substantivo país, alvo de muitas críticas a respeito do grande evento que vai sediar.

Durante todo o artigo, apesar de ressaltar pontos positivos a respeito do Brasil, percebe-se que o aluno defendeu firmemente que o país não estava apto para receber uma Copa do Mundo, porém não deixou isso claro no seu discurso.

### **Segundo caso**

...Em relação a copa, que acontecerá no Brasil nesse ano de 2014, não é uma boa...

Nesse caso percebemos que o colaborador colocou entre vírgulas a oração que caracteriza o substantivo copa. Trata-se, portanto, de uma o.s.adj explicativa, pois são marcadas na escrita pelo uso das vírgulas e operam como explicitadoras do sintagma nominal expresso pela oração antecedente.

Sobre esse caso, para entendermos se o aluno tinha noção da diferença de sentido existente entre uma oração restritiva e uma oração explicativa, foi perguntado ao colaborador se ele pretendia reforçar ou especificar o sentido da palavra “copa” quando utilizou tal oração. Obtivemos a seguinte resposta:

Pretendi reforçar uma informação já conhecida pois está ocorrendo vários conflitos por causa da copa que será realizada no Brasil.

Por tratarmos, neste trabalho, da importância discursiva das o. s. ads.no gênero artigo de opinião, por falamos em questões de significados e por saber que o objetivo do artigo era falar sobre uma copa específica, no caso, “a que acontecerá no Brasil”, esperava-se que orações adjetivas caracterizadoras do referente “Copa”, ao invés de explicarem, delimitassem o sentido da palavra, dessa forma, fazendo uso de orações restritivas.

Dessa discussão podemos adentrar nos parâmetros defendidos por Azeredo (2008, p. 321), quando afirma que “as orações podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade, resultado”.

Uma vez que, a oração “que acontecerá no Brasil” expressa uma ideia de lugar, em que o Brasil é o lugar no qual acontecerá o grande evento.

Porém, o que se vê é que o colaborador, apesar de informar que pretendeu reforçar uma informação, se limitou a dar resposta baseada no senso comum, sem entender a relevância sintático-semântica dessa construção para a formação dos efeitos de sentido em seu próprio texto.

### Terceiro caso

...não é uma boa, pois o dinheiro que está sendo gasto no estádio poderia ser investido em algo mais importante...

Percebe-se que nesse caso o colaborador utilizou a oração adjetiva de forma que houvesse coerência entre a estrutura (oração subordinada adjetiva restritiva) e o discurso (referência apenas ao dinheiro gasto com as obras dos estádios). Dessa forma, delimitando o significado da palavra dinheiro e nos levando a crer que se refere apenas a uma parte do todo, ou seja, de todo o dinheiro, somente o que está sendo gasto no estádio poderia ser investido em outras coisas que beneficiasse o país.

Para analisar esse caso, perguntou-se ao aluno: O que você pretendeu informar quando se referiu ao dinheiro da seguinte forma: “que está sendo gasto no estádio”? E desse questionamento, o colaborador respondeu o seguinte:

Pretendi informar que o dinheiro poderia ser investido em algo mais importante e que trouxesse melhorias para o nosso país. E o dinheiro que foi gasto no estádio poderia ser investido em algo que os habitantes tanto precisa.

O que vemos é que o colaborador não compreendeu a pergunta ou simplesmente não sabe que as o. s. adjs.possuem funções importantes dentro do texto, tanto sintáticas, semânticas como pragmáticas, pois por atribuírem características a um substantivo, proporcionam sentido ao texto, visto serem recursos linguísticos formadores de argumentação.

Pragmaticamente, podemos dizer que a oração expressa pelo colaborador pode servir como uma notícia, assim sendo o colaborador, mesmo sem entender tal



funcionalidade trouxe uma informação nova para o seu texto, ajudando o leitor a identificar o seu referencial.

Segundo Azeredo (2008, p. 319)

As orações adjetivas cujo conteúdo é relevante para a identificação da entidade, ser ou objeto a que se refere o antecedente do pronome relativo chamam-se **restritivas** [...] delimitam a parte de um conjunto [...] restringindo a essa parte a referência do sintagma nominal antecedente.

O colaborador traz em sua resposta informações que já estão ditas no seu texto, quando o nosso objetivo era compreender se ele era capaz de enxergar a contribuição das o. s. adjs. restritivas para a construção do efeito de sentido do seu próprio texto. A resposta obtida não respondeu ao questionamento de forma satisfatória, o que possibilita entender que tamanha dificuldade deriva-se da “ausência quase total de atividades de produção e compreensão de textos” (TRAVAGLIA, 2005, 101) nas aulas de LP do Ensino Médio. Os alunos das séries finais da educação básica possuem certa dificuldade em estabelecer relação entre forma e função quando se trata das orações subordinadas adjetivas.

#### Quarto caso

...o dinheiro que está sendo gasto no estádio poderia ser investido em algo mais importante em que nós cidadãos precisamos ter e utilizar em nosso dia a dia...

Neste caso o uso do *em* pelo colaborador se configura no uso inadequado da norma padrão, em uma tentativa de se hipercorrigir.

Sobre isso, Bagno (2011, p. 949) atesta que a hipercorreção

Trata-se do interessante fenômeno sociolinguístico que se observa quando um (a) falante, ao tentar se aproximar de um padrão ideal imaginário da língua “boa”, acaba “acertando demais” e se desviando tanto da gramática intuitiva da língua quanto da gramática normativa [...] uma correção excessiva, exagerada que acaba resvalando, a contragosto, no “erro”.

Com objetivo de se hipercorrigir, o colaborador acabou esbarrando em outro fenômeno bastante recorrente nas construções linguísticas mais formais, aquelas utilizadas pelo falante culto que não quer parecer nem rebuscado demais nem

ignorante demais: o fenômeno da relativa cortadora, em que, na sentença adjetiva utilizada pelo colaborador, a preposição *de* foi apagada em detrimento da preposição *em*, que foi utilizada onde não lhe cabia. Pois, no caso apresentado, o verbo *tere* o verbo *utilizar* não admitem ser regidos pela preposição *em*.

### Quinto caso

...Apesar de todos esses problemas, o Brasil é um lugar que tem a aparência bonita, mas infelizmente não é bem investido e muito pouco valorizado.

No último exemplo temos um caso de o. s. adjs.restritiva, utilizada adequadamente, atribuindo ao substantivo lugar ou mesmo Brasil uma informação relevante para construção do pensamento sobre o país ao qual se refere.

Sobre essa ocorrência, foi feita ao colaborador a seguinte pergunta: A qual palavra anteriormente mencionada você se referiu quando usou a oração “que nós cidadão precisamos ter”?

Para nossa surpresa o aluno não respondeu a essa pergunta, o que permite inferir que, mesmo utilizando coerentemente a oração adjetiva, o colaborador não entende a função gramatical da sentença e muito menos as questões que envolvem sentido. Visto que não consegue compreender minimamente as características básicas que envolvem o estudo das o.s.adj, a capacidade de retomar ou reiterar um termo expresso na oração principal.

Ao final da entrevista foi perguntado se o aluno tinha noção de que fazia uso das o. s. adjs. enquanto escrevia o seu artigo e, para confirmar o que já vínhamos notando no decorrer dos outros questionamentos, o aluno respondeu que não. Dessa forma, pode-se concluir que o colaborador não compreende as funções gramaticais e nem semânticas das o. s. adjs., pois as utiliza intuitivamente sem entender o porquê de seus usos.

### COLABORADOR 02

No artigo produzido pelo colaborador 02 também encontramos um número significativo de o. s. adjs. passíveis de análise. Vejamos o texto produzido pelo colaborador.

A copa do mundo de futebol é sem dúvida um evento grande e abrangente, que une povos de todas as raças e crenças<sup>1</sup>, e que muitos países do mundo não tem a condição econômica necessária para realizar tal evento, até mesmo países desenvolvidos pensam se vale a pena custear uma copa do mundo de futebol. No caso da pátria das chuteiras parece que dinheiro não é problema porque o custo inicial da copa já foi super faturado há muito tempo, eu acho que tamanho investimento que está na casa dos bilhões<sup>2</sup> é no mínimo audacioso e irresponsável. Principalmente, porque é investido em um único esporte e a arrecadação tributária como impostos turismo ingressos etc. tem o risco de não atender as expectativas de um governo que em si já é um forte impacto no PIB<sup>3</sup>. A situação interna do Brasil não é a melhor para “trazer visitantes em casa já que tem uma saúde e educação sucateadas, um governo com a imagem desgastada, em relação ao seu povo, e uma polícia mal preparada e desmotivada que tem que dar conta de tudo<sup>4</sup> e ainda tem a constante ameaça de grupos separatistas do movimento “não vai ter copa” em atrapalhar o evento, contudo, esse “problema” da copa devia ter sido pensado há muito tempo quando o Brasil ainda era candidato a país sede, agora que vamos sediar esse evento, temos que mostrar que o país do futebol sabe realizar uma copa do mundo por excelência.

### Primeiro caso

A copa do mundo de futebol é sem dúvida um evento grande e abrangente, que une povos de todas as raças e crenças...

De acordo com a norma padrão a oração em destaque utilizada como argumentadora do artigo de opinião produzido pelo colaborador 02 se configura como uma o. s. adjs.explicativa. Porém, desse registro percebe-se que o colaborador parece não ter conhecimento da estrutura sintática de uma o.s.adj. explicativa dentro do texto, pois, como se observa, ele deixou de colocar a vírgula ao final da oração, substituindo-a por um ponto.

Apesar dessa inadequação estrutural, o leitor atento percebe que tal oração possui função argumentativa, pois atribui ao seu referente (Copa do Mundo) uma informação já conhecida pelo leitor – a informação de que a Copa é um evento capaz de unir pessoas de diferentes níveis étnicos e culturais – e por esse motivo é de fundamental relevância para a compreensão do sentido do texto.

À pergunta: Qual a importância da informação “que une povos de todas as raças e crenças” para a construção de sentido no seu texto? O colaborador deu a seguinte resposta:

Não tem nenhuma importância para o sentido do texto, porém achei de suma importância para dar ênfase a oração anterior e assim deixar o texto mais rico

em informação.

Há uma contradição no discurso do colaborador, pois, ao mesmo tempo em que diz que não há importância nenhuma dessa oração para o sentido do texto, ele afirma que achou de suma importância para enfatizar algo já dito na oração anterior. Ora, como uma oração pode ser importante para dar ênfase a outra sem ser importante para a construção de sentido do texto?

Segundo Neves (1997, p. 18) “a frase é reconhecida [...] como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo.” Ou seja, a o.s.adj, no parágrafo citado, apresenta a função sintática de adjunto adnominal, mas com a função discursiva de informar que a Copa do Mundo é um evento capaz de unir uma diversidade de etnias.

Mas o aluno aparentemente não conseguiu compreender a relação sintático-semântica da o. s. adjs. para a elaboração de um artigo coeso e coerente. Dessa forma, é possível afirmar que o aluno não possui conhecimentos mais pragmáticos acerca do uso da estrutura linguística.

### **Segundo caso**

...eu acho que tamanho investimento que está na casa dos bilhões...

O colaborador se refere aos investimentos na Copa do Mundo fazendo uso de uma o. s. adjs.restritiva de forma que o leitor a interprete como caracterizadora do substantivo investimento. Tal oração, entretanto, deveria se caracterizar como explicativa, uma vez que segundo o site placar.abril.com.bros, os investimentos com a Copa, de uma maneira geral, realmente, foram altos e por ser assim não há que se delimitar parte dos investimentos.

Para Azeredo (2008, p. 319-320), quando a informação contida na o. s. adjs.não contribui para a identificação do seu referente, trata-se de uma oração não restritiva ou oração explicativa, que traz em seu conteúdo informação de conhecimento comum, porém não necessário para reconhecimento do referente, mas sendo discursivamente fundamental para entendimento do sentido do texto.

Concluimos que, por apresentar indícios de não conhecer as regras gramaticais, que foram estudadas desde sempre nas escolas, o aluno tenha dito algo que não pretendia.

Sobre esse caso, o colaborador respondeu à pergunta: Você sabia que a oração “que está na casa dos bilhões” é uma oração subordinada adjetiva restritiva? Da seguinte forma:

Sabia sim porque a oração em destaque restringe e particulariza o sentido da palavra bilhões. No texto eu citei que os investimentos estão na casa dos bilhões ou seja restringe os bilhões e exclui milhões, milhares etc.

O colaborador afirmou que tal oração se configura numa restritiva, dando indícios de conhecer as regras das o. s. adjs. restritivas, uma vez que estruturalmente, utilizou adequadamente a oração e na resposta ao questionário utilizou um argumento plausível. Porém, o colaborador se equivocou ao dizer que restringia a palavra bilhões, quando, no seu artigo, a oração especifica o significado do substantivo investimentos. Pois no artigo podemos entender que houve investimentos altíssimos e outros moderados. Percebe-se, no entanto, que o aluno conhece superficialmente as características sintáticas desse tipo de oração, mas não reconhece a sua função argumentativa.

Tal resposta nos dá pistas de que o ensino das o. s. adjs. durante o ensino básico tem estado desvinculado de atividades de produção e interpretação textual, como já foi afirmado anteriormente. Presume-se que o ensino da gramática a este colaborador não foi suficiente para que ele compreendesse que tanto a estrutura como o sistema linguístico são fatores decisivos na construção de um bom texto argumentativo.

### **Terceiro caso**

...tem o risco de não atender as expectativas de um governo que em si já é um forte impacto no PIB ...

Sobre esse terceiro caso não ficou claro a qual termo essa oração se fazia referência, por isso foi feita ao colaborador a seguinte pergunta: A oração “que em si já é um forte impacto no PIB” se refere a qual termo anteriormente mencionado? E o aluno deu a seguinte resposta:

Refere-se ao governo

Como pesquisadora, não consegui identificar a relação estabelecida pelo colaborador. Uma vez que o parágrafo se mostrou confuso, com muitas informações desmembradas, o que dificultou a compreensão tanto da estrutura lingüística quanto do sentido expresso pela oração subordinada adjetiva. Pois a oração em análise nem favoreceu “a construção do valor referencial do sintagma nominal antecedente” (Duarte, 2007, p. 214), nem contribuiu para o sentido do texto.

O aluno utilizou sem saber uma o. s. ads.e ao ser questionado, respondeu que a oração se relacionava com o substantivo que se encontrava mais próximo dela.

Nesse caso temos o pronome “que” se tornando universal, como foi estudado nos conceito de Marcos Bagno (2011), provavelmente por influência da oralidade na escrita. Infere-se, portanto, que escola não está conseguindo mostrar a diferença entre esses dois registros (fala e escrita). Uma vez que na língua falada o sujeito tem mais recursos para identificar um referente, podendo utilizar tranquilamente o relativo *que*. Na escrita, por meio do uso do pronome *o qual* a identificação desse referente seria feita de maneira mais clara e objetiva.

#### **Quarto caso**

Dando continuidade ao seu texto e consequentemente à defesa do seu ponto de vista, o colaborador, fazendo menção ao trabalho da polícia argumentou o seguinte:

...é uma polícia mal preparada e desmotivada que tem que dar conta de tudo e ainda tem a constante ameaça de grupos separatistas...

De acordo com os fundamentos de Castilho (2012), essa é uma o.s.adj. restritiva ou determinativa que, segundo ele, especifica o sentido do sintagma nominal atribuindo-lhe uma informação relevante que identifica um subconjunto dentro de um conjunto maior. Neste caso, da forma como foi colocada pelo colaborador, temos a ideia de se trata de apenas um grupo de polícia dentro de um grupo mais abrangente. Hipótese não confirmada pelo colaborador quando questionado sobre suas intenções ao se referir à polícia.

Da pergunta “Quando você se remete a polícia dizendo que ela tem que dar conta de tudo, você se refere à polícia como um todo ou apenas parte dela? O aluno deu a seguinte resposta:

Eu me refiro a polícia em geral. Procure alguns registros oficiais, documentos, jornais, meios de comunicação e chegará a conclusão de que em um país como o nosso onde a corrupção, nepotismo, injustiças sócias já estão no processo de formação da cultura, a polícia tem que resolver todas as situações da sociedade.

Dessa resposta, percebe-se que o colaborador tem o senso crítico bastante apurado, pois reconhece os problemas existentes na sociedade e, no seu entendimento, há uma entidade responsável por tratar tais mazelas.

Mas, quando tratamos da reflexão desses problemas na construção da argumentação dentro do artigo de opinião produzido por ele mesmo, o colaborador não consegue associar o conteúdo gramatical com o sentido expresso pelo seu texto. O colaborador escreveu de forma a transmitir a ideia delimitada à palavra “polícia”, quando, analisando-se o contexto e a resposta dada pelo aluno, a interpretação mais plausível é de que se referisse a todo corpo policial.

Para encerrar a entrevista, foi perguntado se o colaborador tinha consciência de que fazia uso de o. s. adjs. quando escrevia o seu artigo e como já se esperava, ele respondeu que não fazia noção de que as utilizava em seu texto.

Você sabia que estava usando orações subordinadas adjetivas em seu texto?

Não. Só reparei durante a correção do texto. No momento da elaboração eu pensava apenas em formar um texto coerente e que estivesse dentro dos padrões exigidos para a formação de um autêntico artigo de opinião.

Nessa resposta fica evidente que o colaborador escreveu seu artigo, fez uso de o. s. adjs., mas – infelizmente – sem ter muita noção de que essas orações configuram-se importantes mecanismos discursivos. Destarte, concluímos que o aluno apresenta dificuldades em reconhecer características tanto formais como funcionais das o. s. adjs..

Ensinar gramática em aulas de LP deve ser um trabalho que convide o aluno a pensar na língua como reflexo das situações comunicativas, pois dessa forma ele se tornará capaz de produzir e compreender textos das mais diversas naturezas e assim “não lhe será difícil aprender a teoria gramatical que eventualmente necessite para concursos ou outras situações em que tal teoria seja exigida ou necessária” (TRAVAGLIA, 2001, p. 2008). Exatamente como defende o estudo funcionalista da linguagem, em que o aluno seja capaz não somente de codificar e decodificar os fenômenos linguísticos, mas também interpretá-los de forma que se compreenda sua função discursiva.

### COLABORADOR 03

No artigo de opinião produzido pelo terceiro colaborador também encontramos uma quantidade significativa de o.s.adj., as quais estudamos no decorrer dessa seção. Vejamos a transcrição do texto do aluno:

A Copa do Mundo no Brasil está causando muita polêmica pois as obras de reformas nos estádios, que agora são chamados de “arenas”,<sup>1</sup> foram muito caras, assim tornando os ingressos com 119% de aumento em relação ao ano passado, eles querem “recuperar” o valor gastados nas obras em cima dos ingressos.

Mas, também, copa irá trazer muitos benefícios segundo pesquisas e estimativas, irá influenciar no PIB, que a estimativa é R\$ 64,5 milhões<sup>2</sup> e que também irá trazer uma economia de R\$ 142,39 milhões de investimentos para o Brasil.

A Copa trará com certeza muitos benefícios mas vai deixar grandes problemas para o Brasil pois enves de investir em educação, saúde, etc., estão gastando muito com a copa depois que esse evento passas vai continuar igual é agora ou pior.

Não acho errado investir na copa, mas o governo poderia se preocupar com as coisas que são necessárias para que um país crescer mundialmente.<sup>3</sup> Afinal de conta não é copa que fará do Brasil um país de primeiro mundo, mas sim a qualidade em todos os setores.

#### Primeiro caso

A Copa do Mundo no Brasil está causando muita polêmica pois as obras de reformas nos estádios, que agora são chamados de “arenas”,<sup>1</sup> foram muito caras...

Dessa primeira ocorrência encontramos uma oração que se refere ao substantivo estádio, atribuindo a ele uma informação primordial para a construção da



ideia defendida, visto que os estádios, agora chamados de arenas, recebem esse nome por conta da sua magnífica estrutura, que não saiu barata, pelo contrário, pois os investimentos nesses estádios foram altíssimos. Da leitura desse artigo, entendeu-se que o colaborador 03 apresentou uma opinião desfavorável quanto à realização da Copa, dessa maneira, tal oração se configura como elemento que reforça a ideia defendida pelo colaborador.

É válido lembrar que nem todos os estádios receberam esse nome “arena”; apenas aqueles que foram reformados para o grande evento. No dicionário Aurélio (2010), arena é definida como área central de combate entre feras e gladiadores, no caso da copa, nessas arenas e somente nelas acontecerão uma espécie de espetáculo tão grandioso quanto os antigos combates entres gladiadores.

Partindo dessa informação, entendemos que o colaborador quisesse se referir apenas aos estádios reformados, o que podemos confirmar na resposta dada por ele à seguinte pergunta: É uma característica de todos os estádios serem chamados de arenas ou apenas os que estão sendo reformados para a copa? Foi essa sua intenção em informar quando usou a oração “que agora são chamadas de “arenas”?

São apenas as que foram reformadas. Sim

Da resposta do colaborador, podemos inferir que o que ele pretendeu informar não condiz com o que ele afirmou. Da forma como a oração aparece no texto, isolada pelas vírgulas, figura-se como uma o. s. adjs.explicativa, em que concede ao sintagma ao qual está encaixada uma ideia de que todos os estádios são chamados de arena. Conforme imaginamos, o colaborador pretendeu se referir somente aos estádios reformados que passaram a ser chamados de arenas.

Dessa situação, entendemos que o aluno ainda se vê confuso quanto ao uso adequado da o. s. adjs. para dar sentido ao seu texto, percebe-se que ele isolou a oração com as vírgulas sem ao menos entender o porquê de colocá-las ali.

## Segundo caso

...segundo pesquisas e estimativas, irá influenciar no PIB, que a estimativa é R\$ 64,5 milhões<sup>2</sup>...

Segundo a norma padrão, a oração subordinada adjetiva explicativa acima, utilizada pelo colaborador, ao transmitir uma ideia de que estimativa é posse de PIB, o adequado seria utilizar o pronome “cuja”. Mas o estudante preferiu fazer uso simplesmente do relativo que passa a exercer função de mero conector. Voltando aos conceitos de Bagno (2004), neste caso temos um exemplo de o. s. adjs. cortadora, em que o colaborador suprime da sua sentença o relativo “*cuja*”, que retomaria o substantivo PIB, em detrimento do *que*. Como podemos observar na própria resposta do colaborador ao ser questionado sobre a importância da informação contida nessa oração para a defesa do ponto de vista defendido por ele na construção do artigo. Segue a pergunta: Qual a importância da informação “que a estimativa é R\$ 64,5 milhões” para o ponto de vista defendido por você na construção do seu texto?

O aluno deu a seguinte resposta:

De informar o quanto foi gasto

Da resposta do colaborador, entendemos que ele tentou explicar que quis informar o que foi gasto pelo PIB, porém, o que talvez o aluno não tenha compreendido é que o artigo de opinião nos permite entender que a estimativa expressa na oração adjetiva aponta os pontos positivos da copa que é o aumento do PIB.

Entendemos também que o aluno utilizou uma o. s. adjs. explicativa para trazer informação nova para o texto, porém não entende a sua função discursiva, uma vez que ressaltando os pontos positivos do Mundial para o país respondeu o contrário ao dizer que a informação era importante para informar o quanto foi gasto.

### **Terceiro caso**

... mas o governo poderia se preocupar com as coisas que são necessárias para que um país crescer mundialmente.<sup>3</sup> ...

Sobre a terceira ocorrência de o. s. adjs.encontrada no artigo desse colaborador foi feita, intencionalmente, uma pergunta bastante característica da abordagem tradicional, com o objetivo de entender se as dificuldades do aluno

quanto às funções dessas orações estavam no fato de não compreender suas funções discursivas ou se ele também encontrava dificuldades em estudá-las sob a perspectiva tradicional.

Quanto ao ensino de gramática nas aulas de LP, Travaglia(2005, p. 101) aponta que a maior parte do tempo das aulas é gasta no aprendizado e utilização da metalinguagem, classificação de palavras e análise sintática; porém, o que temos visto nessa análise é que o ensino pautado na perspectiva tradicional tem sido falho até mesmo quanto ao seu objetivo, pois os alunos não conseguem compreender a forma nem a função significativas das o. s. adjs.no artigo produzido por eles próprios.

Para a pergunta: Alteraria o sentido pretendido por você se a oração “que são necessárias para que um país...” viesse entre vírgulas? Por quê? O aluno se limitou a dizer que sim. Ou ele não estava disposto a contribuir com a pesquisa ou de fato ele não compreende que orações dessa natureza são elementares para o levantamento de argumentos no gênero estudado.

Quanto ao uso das vírgulas, certamente o sentido mudaria, pois sem elas, como a oração se encontra no texto, entendemos que o colaborador informou que o governo precisa se preocupar apenas com as coisas necessárias para crescimento do país e no caso de aparecerem entre vírgula, se transformaria em uma explicativa,generalizando o significado do substantivo coisas e atribuiria ao texto o sentido de que todas as “coisas” (não entendemos porém o que o colaborador quis dizer com a palavra coisas) seriam fundamentais para o crescimento do País. De acordo com a Gramática de Castilho (2012),as adjetivas explicativas funcionam como um comentário já previsto pelo conhecimento comum sobre o termo já expresso na oração antecedente.

Ao final da entrevista, também foi perguntado a esse colaborador se ele sabia que utilizava o.s.adj. enquanto produzia o seu texto, e ele, da mesma forma como respondeu ao questionamento anterior, deu uma resposta sem nenhuma reflexão:

Não
-----

Aparentemente o aluno não estava a fim de colaborar, mas do pouco que respondeu, entendemos que ele possui certa dificuldade em encontrar o sentido expresso por ele por meio do uso das **o. s. adj.**, ou seja, as utiliza sem saber a sua

real importância dentro de um artigo de opinião; pior, não consegue encontrar significado para ela dentro do seu próprio artigo de opinião, de forma que produz o texto, coloca suas ideias no papel, mas na hora de analisá-las a fim de entendê-las, como fundamentadoras da sua opinião, não consegue explicá-la nem compreendê-las.

## COLABORADOR 04

Um assunto bastante discutido por toda a população brasileira atualmente é a famosa “copa do mundo”, que vem gerando (desde o seu projeto inicial) dívida extensas para o Brasil<sup>1</sup>. Foram investidos bilhões de reais no estádio Mané Garrincha cujo o qual receberá os jogadores.<sup>2</sup>

Tanto dinheiro investido em um único estádio e os nossos hospitais e escolas públicos continuam um verdadeiro caos, e esses são somente alguns dos patrimônios públicos que passam por essa calamidade.<sup>3</sup>

A presidência do Brasil alega que através da copa, o país conseguirá lucrar com a movimentação turística e econômica, porém, a mesma esquece que isso não passa de uma estimativa. Este é o país que vivemos em que o estado investe todo seu capital em uma estimativa (algo incerto), mas, não investe em algo que é o que faz um país de verdade, a “educação”.

“Será que algum dia terei orgulho de dizer que sou brasileira?”.

### Primeiro caso

Um assunto bastante discutido por toda a população brasileira atualmente é a famosa “copa do mundo”, que vem gerando (desde o seu projeto inicial) dívida extensas para o Brasil<sup>1</sup>....

Esse colaborador se referiu a Copa do Mundo como a que está trazendo sérios problemas para o nosso país, principalmente, a geração de dívidas altíssimas. Para defender sua opinião, o colaborador 04 utilizou no seu artigo algumas o.s.adj. que nos permitem entender que a Copa do Brasil não está sendo um bom investimento para o país, pois está causando alguns desconfortos aos brasileiros. Para entendermos melhor o ponto de vista defendido pelo colaborador e consequentemente os seus conhecimentos sobre as o.s.adj., perguntamos sobre a importância da informação contida na primeira o.s.adj.

Para a pergunta: Qual é a relevância da oração “que vem gerando desde seu projeto inicial, dívidas extensas para o Brasil” para a construção da sua ideia defendida no texto? Tivemos a seguinte resposta:

Enfatizar a minha crítica, para que fique destacado aos demais leitores o quão mal esta “Copa do Mundo” faz a economia brasileira.

O colaborador deixou claro que sua intenção era reforçar a ideia de que a Copa do Mundo, por ser sediada aqui no Brasil, trouxe junto com ela sérios problemas de ordem financeira para o nosso país. Entendemos dessa resposta que o colaborador percebeu que a informação contida na oração expressa no primeiro parágrafo é fundamental para autenticar o enfoque do seu artigo, que é defender uma posição contrária aos investimentos com a Copa do Mundo.

### **Segundo caso**

...Foram investidos bilhões de reais no estádio Mané Garrincha cujo o qual receberá os jogadores.<sup>2</sup>...

Percebe-se nesse caso que houve uma adequação sintática e discursiva, sendo a o.s.adj. caracterizada como uma restritiva. Para as devidas constatações, o colaborador respondeu à seguinte pergunta: Você acha que se a oração “cujo o qual receberá os jogadores” estivesse entre vírgulas mudaria o sentido da ideia expressa por você? Por quê?

Não, porque o meu intuito é explicar os motivos pelo qual vem sendo destinado tanto dinheiro a copa do mundo.

Entendemos dessa afirmação que o colaborador não compreende que, mais do que pelo uso das vírgulas, as o. s. adjs. se distinguem por apresentarem efeitos discursivos diferentes. Pelo que lemos da resposta do colaborador, percebemos uma contradição entre o discurso e a prática, pois no texto temos uma oração que traz informação que facilita na identificação do referente, estádio Mané Garrincha e na resposta o colaborador disse que sua intenção era explicar, quando na verdade, ela restringe o significado. Outro fator contraditório é que o colaborador também afirma que o uso das vírgulas não causaria mudança de sentido. Inferimos desse discurso que o estudante não compreende a diferença semântica existente entre orações restritivas e orações explicativas.

O colaborador não assimila a relação entre forma e função, em que as regras gramáticas são estudadas em conjunto com suas funções discursivas, isto é, o aluno não consegue compreender que a forma gramatical utilizada por ele no texto exprime um sentido causado pelos fatores extralinguísticos.

Outro fator digno de ser estudado é o uso de dois pronomes relativos para introduzir a o.s.adj. Temos aqui outro exemplo de hipercorreção, uma vez que o colaborador, talvez na tentativa de usar uma linguagem mais rebuscada que estivesse em conformidade com os padrões linguísticos exigidos pela tradição gramatical, comete uma inadequação linguística, pois tanto o pronome “cujo”, quanto o pronome “o qual” possuem função sintática de sujeito dentro da oração subordinada, retomando anaforicamente um substantivo mencionado na oração anterior.

### Terceiro caso

...Tanto dinheiro investido em um único estádio e os nossos hospitais e escolas públicos continuam um verdadeiro caos, e esses são somente alguns dos patrimônios públicos que passam por essa calamidade.<sup>3</sup>...

Durante todo o artigo, percebemos que o colaborador mantém firme os seus argumentos contra a Copa do Mundo no Brasil, pois defende que áreas de utilidade pública estão ficando em segundo plano, enquanto estádios recebem toda a atenção do governo e a maior parte dos investimentos. O colaborador faz uso de uma oração adjetiva restritiva para se referir a todos os patrimônios públicos, como podemos conferir em sua resposta à pergunta: Quando você se refere aos patrimônios públicos usando a oração “que passam por essa calamidade” você afirma que todos os patrimônios são calamitosos ou apenas parte deles?

Todos os patrimônios, cujos os quais os serviços públicos estão voltados para a população em desvantagem financeira, como escolas, hospitais, dentre outros.

O colaborador tenta explicar que se referia a todos os patrimônios, porém a forma como a o. s. ads.foi colocada no texto traz uma inadequação quanto aos padrões gramaticais escritos e conseqüentemente ao efeito discursivo causado por

ela, pois quando a oração se configura como uma adjetiva restritiva transmite a ideia de que parte dos patrimônios públicos do país está em estado de calamidade financeira, mas o que o colaborador, pretendeu informar que todos os patrimônios, sem exceção, estão calamitosos devido à Copa.

Percebe-se que, na tentativa de explicar que fazia referência a todos os patrimônios, o aluno fez uso de outra o. s. adjs.restritiva em forma de explicativa causando uma quebra no objetivo pretendido e mais uma vez comprovou que ele desconhece a função sintática da o.s.adj. assim como desconhece, também, os efeitos semântico-discursivos.

#### Quarto caso

O colaborador 04 também foi questionado sobre a consciência de estar usando em seu artigo o.s.adj. e para isso respondeu à pergunta: Quando escrevia você sabia que fazia uso de orações subordinada adjetivas? Da seguinte forma:

Não, apenas me preocupei em utilizar orações que fizessem concordância gramatical ao discorrer do texto.

Segundo ele, ao escrever o seu artigo não sabia que utilizava o. s. adjs.ao mesmo tempo em que se preocupava em fazer “concordância gramatical”. Outra contradição. A partir dessa resposta, pode-se fazer o seguinte questionamento: será que o aluno foi tão cobrado durante a sua vida escolar a se preocupar com “gramática” (obviamente entendida aqui como aquele livro grosso e cheio de regras, a que nos referimos no capítulo teórico), que o único ensinamento internalizado foi que o “bom uso” da norma padrão é o que realmente importa em qualquer contexto de uso de língua? .

#### COLABORADOR 05

Em 17 de março de 2006 as confederações da CONMEBOL votaram no Brasil para ser sede da Copa do Mundo de 2014 e em outubro de 2007 a FIFA confirma que o Brasil sediará a Copa de 2014. Muito foi festejado, e muito foi esquecido.

Um país como o Brasil teria plenas condições de sediar um evento de tamanho porte, se não fosse pela má administração de nossos governantes que mesmo tendo 7 anos para preparar o país conseguiram atrazar as obras.<sup>1</sup> Mas quem nos déra ser esse o único

problema, pois o maior de todos eles é a péssima condição que vive o povo, sem educação, sem saúde e sem segurança.<sup>2</sup> Dizem que a copa irá trazer muitos benefícios para o país, como melhoras nos asfaltos, transportes coletivos, visual das cidades etc. mas será que precisava de uma copa do mundo para resolver esse problemas, que são básicos, como esses?Não.

Esse evento é só mais uma das formas que os corruptos usam para roubarem dinheiro público,<sup>4</sup> seja com super faturamento de obras ou com impresas fantasmas. Enquanto mascaram os problemas do país para os estrangeiros, o povo continua na insegurança e na miséria.

### Primeiro caso

...Um país como o Brasil teria plenas condições de sediar um evento de tamanho porte, se não fosse pela má administração de nossos governantes que mesmo tendo 7 anos para preparar o país conseguiram atrazar as obras.<sup>1</sup>

...

O aluno se mostrou conhecedor de todo os parâmetros pelos quais o Brasil passou antes de ser escolhido a país sede da Copa. Para tanto, o aluno, no decorrer da sua produção, deixou claro que, mesmo o Brasil tendo condições de sediar um evento tão grandioso, no momento necessita de que outras prioridades sejam sanadas.

Quanto ao uso da o.s.adj., o colaborador, no segundo parágrafo, utilizou uma oração no sentido de atribuir uma informação relevante ao sintagma nominal ao qual se encontra encaixado. E, para entender melhor se o aluno reconhece os tipos e as funções das o.s.adj. dentro do artigo de opinião, foi feita ao colaborador a seguinte pergunta: Quando você fala dos governantes, a sua oração “que mesmo tendo 7 anos para preparar o país conseguiram *atrazar* as obras” restringe o grupo de governantes ou apenas reforça uma ideia já conhecida sobre os governantes? E dela obtivemos a resposta transcrita abaixo:

Restringe-se ao grupo responsável por trazer e administrar o evento Brasil

Da resposta dada pelo aluno, infere-se que ele conhece a classificação sintática das orações subordinadas adjetivas, visto que sua oração foi coerentemente empregada para restringir uma parte dos governantes inseridos em



um grupo maior. O sentido expresso pela oração utilizada pelo colaborador é exatamente o que ele esclarece em sua resposta.

### Segundo caso

...Mas quem nos dá ser esse o único problema, pois o maior de todos eles é a péssima condição que vive o povo, sem educação, sem saúde e sem segurança.<sup>2</sup> ...

Sobre a segunda ocorrência de oração subordinada adjetiva, o colaborador se utiliza de uma oração restritiva que limita o significado do termo “péssima condição”. Nesse caso, de acordo com as estratégias de relativização defendida por Bagno (2004), desmembrando a oração teríamos duas informações distintas:

- a) O maior de todos os problemas é a **péssima condição**.
- b) O povo vive em **péssima condição**.

A junção dessas duas informações, de acordo com a norma padrão, formaria a seguinte sentença adjetiva: o maior de todos os problemas em que vive o povo é a péssima condição. Percebe-se que na oração construída pelo colaborador a preposição *em* é suprimida da oração, o que constitui um exemplo de oração adjetiva cortadora, que Bagno (2004) afirma ocorrer devido o apagamento da preposição exigida pelo verbo.

Sobre o efeito de sentido causado pela oração utilizada pelo colaborado foi feita a seguinte pergunta: Você acredita que se a oração “que vive o povo” viesse entre vírgulas alteraria o sentido expresso por ela? Explique. O colaborador se limitou a dar a seguinte resposta:

Sim, pois viraria uma oração explicativa.

Nota-se que, mesmo respondendo que causaria diferença de sentido, o aluno se limitou à nomenclatura gramatical, não oferecendo pistas suficientes acerca da sua compreensão em relação ao efeito discursivo causado pela oração restritiva. Uma vez que sua resposta não explica a diferença causada pela transformação de

uma sentença restritiva em uma explicativa. Entende-se que, para o aluno, ser uma restritiva ou uma explicativa já é ser diferente em questão de sentido.

### Terceiro caso

...Esse evento é só mais uma das formas que os corruptos usam para roubarem dinheiro público,<sup>4</sup> seja com super faturamento de obras ou com impresas fantasmas...

A oração utilizada no trecho acima restringe o significado do substantivo formas, dessa forma entende-se que existe uma forma única de os corruptos roubarem dinheiro público, uma explicação simples que o colaborador não soube dar quando questionado: Qual a importância da oração “que os corruptos usam para roubarem dinheiro público para a construção da sua ideia defendida no texto?

O aluno respondeu a essa pergunta dessa forma:

Explica que a copa é só mais um dos meios usados para desviar o nosso dinheiro com obras superfaturadas, empresas fantasmas etc, além de tirar a atenção de uma parcela da população dos problemas que temos.

Da resposta do aluno, entendemos que ele mais expôs a sua opinião sobre o evento do que explicou a importância da oração para o sentido do texto.

### 3.1 CONCLUSÃO DOS RESULTADOS

A análise quantitativa, mesmo com base em um número pequeno de análises, nos mostrou que há uma forte predisposição das orações subordinadas adjetivas no gênero textual artigo de opinião. O fato de as orações subordinadas restritivas terem aparecido em maior número, nos mostrou que os alunos estão preocupados em trazer para os seus textos informações inovadoras, dando liberdade para a criação linguística mesmo nos modelos escritos mais formais. Por outro lado a análise quantitativa nos mostra que, mesmo os alunos tendo essa maior capacidade de criação, quando a questão é entender os efeitos discursivos trazidos por tais orações, o resultado não é tão positivo, pois os colaboradores revelaram certa dificuldade em encontrar significação para as orações utilizadas por eles dentro de

seus próprios textos, o que nos permite pensar que o ensino oferecido não foi suficiente para que os estudantes do final da jornada acadêmica pudessem sair do Ensino Médio com capacidade reflexiva a respeito da relação existente entre as formas puramente gramaticais e suas funcionalidades dentro de uma unidade significativa maior que o limite frasal. Com esses resultados, conseguimos alcançar os objetivos da nossa pesquisa, que se resumem basicamente na observação de como os alunos enxergam discursivamente os efeitos causados pelas o. s. adjs. no gênero artigo de opinião, uma vez que os dados comprovaram a dificuldade existente em compreender a relação existente em estudar a forma em conjunto com a função.

### **3.2 RESUMO DO CAPÍTULO**

Neste capítulo foram apresentados os artigos de opinião produzidos pelos alunos seguidos das respostas dadas aos questionamentos feitos sobre a importância discursiva das o. s. adjs. utilizadas por eles na construção do texto. Porém, dessa análise entendemos que os alunos do 3º ano do Ensino Médio possuem uma grande dificuldade em entender que as orações adjetivas expressam informações relevantes para a construção da argumentação no gênero artigo de opinião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que se realizou com base nos princípios das abordagens quantitativa e qualitativa, estudou a forma como os alunos de uma escola da Região Administrativa do Paranoá/DF, concluintes da educação básica conseguem, por meio da produção do gênero textual artigo de opinião, entender a função discursiva das orações subordinadas adjetivas. Por meio da análise dos textos escritos pelos alunos, e, principalmente, pelas respostas dadas por eles, no questionário, sobre as estratégias empregadas, percebeu-se que os alunos que empregaram as o. s. adjs. não as enxergam como estratégias de defesa de um ponto de vista. Observou-se também da análise do discurso exposto no questionário aplicado para contrapor com o artigo que os alunos têm dificuldade em perceber o valor discursivo das orações empregadas por eles mesmos. Todos os alunos apresentaram certa contradição ao serem questionados sobre suas pretensões quando redigiram o texto, uma vez que se expressaram de uma forma, mas disseram no questionário ter querido dizer outra coisa.

A partir das atividades utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, pôde-se perceber que os alunos do 3º ano do Ensino Médio apresentam grandes dificuldades em se expressarem coerentemente na escrita e, conseqüentemente, dificuldades de encontrarem sentido para o uso das orações subordinadas adjetivas para a construção da argumentação do texto. Visto que um dos alunos afirmou que não considerava importante o emprego das o. s. adjs. para o efeito de sentido produzido pelo seu artigo.

No decorrer da pesquisa e, principalmente na análise de dados, concluiu-se que o ensino oferecido aos colaboradores dessa pesquisa não os favoreceu no que diz respeito ao estudo das o. s. adjs. como elementos linguísticos capazes de dar sentido ao texto, o que nos permite concordar com os PCNEM quando afirmam que o ensino de LP na escola tem se baseado necessariamente “no entendimento da nomenclatura gramatical como eixo principal” (PCNEM, 2000, p.16) sem nenhuma reflexão sobre as questões de uso linguístico.

Entendemos dessa análise que a perspectiva tradicional, reprodutora dos padrões linguísticos cultos, ainda prevalece no ensino de LP. Porém, a dúvida que fica é: por que ainda ensinam a língua de uma forma tão desconexa da realidade dos alunos se atualmente já temos tantos documentos e estudos que mostram a

riqueza de um ensino de língua embasado em uma perspectiva funcionalista? Essa é uma questão que ficará para pesquisas futuras, com base ainda na perspectiva funcionalista de ensino, pois a presente pesquisadora pretende continuar a investigação sobre as formas como os conteúdos gramaticais estão sendo ensinados nas aulas de LP. Visto que o ensino pautado na abordagem tradicional não leva o aluno a refletir sobre as funções discursivas dos elementos gramaticais.

Com base nos dados extraídos nessa primeira proposta de pesquisa, pretendo dar continuidade aos estudos gramaticais na linha funcionalista, uma vez que pude perceber que os alunos da educação básica estão carentes de um ensino que os instiguem a pensar na língua como elemento de interação social e não de exclusão como pode ser visto atualmente. Pretendo, com base nesse estudo e em estudos futuros, adquirir maiores experiências a fim de propor em instituições nas quais possa a vir trabalhar sugestões de ensino que levem o aluno a se sentir parte do sistema linguístico.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 43ª edição. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AMORIM, Monica Benttenmüller. *Orações Adjetivas e o ensino: Perspectiva Funcionalista*. Revista Odisseia, 2010.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª edição. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos, Português ou Brasileiro. *Um convite à pesquisa*. 2ª edição. São Paulo: Parábola, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2011.
- BRASIL. *Guia de Livros Dáticos PNLD 2012: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Ensino Médio 2000. Língua portuguesa*.
- BORTONI, Stella Maris. *O professor Pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª edição. São Paulo: Parábola, 2009.
- CASTILHO, Ataliba de. *Gramática do Português Brasileiro*. 1ª edição. São Paulo: contexto, 2012.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da língua Portuguesa*. 46ª edição. São Paulo: companhia editora nacional, 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A nova gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR, José Hamilton. *Língua Portuguesa – Linguagem e Interação – volume 3*. São Paulo: Ática, 2010.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e Praticar Gramática*. Volume único. São Paulo: FTD, 2011.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOLDSTEIN, Norma; LOUZADA, Maria Silvia; IVAMOTO, Regina. *O texto Sem Mistério*. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2009.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à pesquisa científica*. 4ª edição. São Paulo: editora Alínea, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever. Estratégias de produção Textual*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 2ª edição. São Paulo: editora Alínea, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. 2ª. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 6ª edição. São Paulo: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 1996.

RODRIGUES, Tiago de Aguiar. *Buscando Sentido para a pesquisa e o ensino de regência verbal: Uma abordagem funcional-cognitiva*. 2011. 229 f. Dissertação (Pós graduação em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

TRAVÁGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.



## APÊNDICE A – ATIVIDADE 01

### COPA DO MUNDO NO BRASIL

Como é sabido a Copa do Mundo é a maior disputa futebolística do planeta, a qual acontece a cada quatro anos em um país sede. Após 64 anos esse evento volta acontecer no Brasil e divide opiniões. Leia os textos:

#### TEXTO 01

##### **COPA...**



Fonte: <http://www.humopolitico.com.br/copa-do-mundo-de-2014/39725/>

#### TEXTO 02:

##### A Copa da Elitização

Para poder receber a Copa do Mundo, governos e clubes foram obrigados a construir e reformar estádios obedecendo a um “padrão Fifa de qualidade”. Isto significou que estádios deixam de ser “estádios” e passam a ser chamados de “arenas”, onde tudo é de última geração: do telão que mostra os lances do jogo ao estofado das cadeiras.

A princípio tratam-se de novidades positivas, mas que só resistem ao nível da aparência. Na prática, há um trágico efeito colateral em curso: os custos das novas arenas são embutidos no preço dos ingressos, que ficam mais caros, gerando uma pérfida elitização do futebol.

A consultoria BDO divulgou um estudo que abrangeu as nove primeiras rodadas do Brasileirão de 2013. Em um primeiro momento, foi analisado o preço dos ingressos para partidas realizadas nas novas arenas reformadas para a Copa das Confederações. Em seguida, verificou-se o preço dos ingressos para partidas realizadas nos estádios antigos. O resultado apontou que os ingressos nas novas arenas foram em média 119% mais caros que os nos estádios antigos.

Com as arenas, espaços tradicionais da torcida brasileira, como as gerais e as arquibancadas, são extintos ou reduzidos. Em seu lugar se instalam lojas e

estabelecimentos comerciais. Surge assim o “torcedor-consumidor”, caracterizado pelo pouco envolvimento na política e dia-a-dia de seu time, e que vai ao estádio assistir a uma partida assim como vai ao cinema de um shopping center.

Nesse processo que veste o manto do capital imobiliário e especulativo, parcelas mais pobres da sociedade são excluídas e impossibilitadas de acompanhar in loco jogos do esporte mais popular do país.

**Obs: Seção do texto “Argumentos para continuar protestando contra a Copa do Mundo no Brasil” publicado por Comitê Popular da Copa de São Paulo em 04/02/2014 05:56, última modificação 04/02/2014 15:21**

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/argumentos-para-continuar-protestando-contra-a-copa-do-mundo-no-brasil-9970.html>

---

### **TEXTO 03:**

#### Benefícios da Copa do Mundo Brasil para o país

A **Copa do Mundo de 2014** que acontecerá no Brasil irá trazer muitos benefícios para o país, com a movimentação turística e econômica, segundo pesquisas e estimativas, prevê-se que o evento irá gerar uma média de R\$ 142,39 bilhões de investimentos para o país até que aconteça o mundial. O impacto que o campeonato terá irá influenciar no PIB também, a estimativa é de que desde o ano em vigência até o ano da copa, ele será de R\$ 64,5 bilhões.

Mesmo que os principais investimentos sejam nas cidades sede dos jogos que serão disputados, não se pode desconsiderar a influência positiva que terá em todo o país, que vão muito além das reformas e melhoria. Resta saber se o país está realmente pronto para receber um evento de porte tão grande e se manter equilibrado com as dificuldades internas, por outro lado será uma grande oportunidade para que o país mostre a sua beleza e acabe alterando a imagem que se tem daqui no exterior.

FONTE: <http://copadomundobr.com/copa-do-mundo-2014/beneficios-da-copa-do-mundo-brasil-para-o-pais/>

---

**ATIVIDADE:** A partir da leitura dos textos acima e de seus conhecimentos acerca do tema, redija, em no máximo 25 linhas, um artigo de opinião, posicionando-se criticamente sobre os efeitos da Copa do Mundo em nosso país.

## APÊNDICE A – ATIVIDADE 02

### A Copa da Elitização

Para poder receber a Copa do Mundo, governos e clubes foram obrigados a construir e reformar estádios obedecendo a um “padrão Fifa de qualidade”. Isto significou que estádios deixam de ser “estádios” e passam a ser chamados de “arenas”, **onde tudo é de última geração**: do telão **que mostra os lances do jogo** ao estofado das cadeiras.

A princípio tratam-se de novidades positivas, mas que só resistem ao nível da aparência. Na prática, há um trágico efeito colateral em curso: os custos das novas arenas são embutidos no preço dos ingressos, **que ficam mais caros**, gerando uma pérfida elitização do futebol.

A consultoria BDO divulgou um estudo **que abrangeu as nove primeiras rodadas do Brasileirão de 2013**. Em um primeiro momento, foi analisado o preço dos ingressos para partidas **realizadas nas novas arenas reformadas para a Copa das Confederações**. Em seguida, verificou-se o preço dos ingressos para partidas **realizadas nos estádios antigos**. O resultado apontou que os ingressos nas novas arenas foram em média 119% mais caros que os nos estádios antigos.

Com as arenas, espaços tradicionais da torcida brasileira, como as gerais e as arquibancadas, são extintos ou reduzidos. Em seu lugar se instalam lojas e estabelecimentos comerciais. Surge assim o “torcedor-consumidor”, caracterizado pelo pouco envolvimento na política e dia-a-dia de seu time, e que vai ao estádio assistir a uma partida assim como vai ao cinema de um shopping center.

Nesse processo que veste o manto do capital imobiliário e especulativo, parcelas mais pobres da sociedade são excluídas e impossibilitadas de acompanhar in loco jogos do esporte mais popular do país.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/argumentos-para-continuar-protestando-contr-a-copa-do-mundo-no-brasil-9970.html>

1. O pronome da oração: **onde tudo é de última geração** se refere a que termo da oração anterior? Qual a importância dessa oração para a defesa do ponto de vista do autor?



2. Explique qual é a função sintática do pronome relativo “que” na oração: **que mostra os lances do jogo**. Essa oração poderia ser suprimida do texto sem prejuízo às idéias iniciais? justifique


3. Explique porque a oração: **que ficam mais caras** encontra-se entre vírgulas. Qual a relação de sentido entre ela e a oração principal?


4. A oração: **que abrangeu as nove primeiras rodadas do Brasileirão de 2013** poderia ser suprimida, sem prejuízo à informação, por: **abrangendo as nove primeiras rodadas do Brasileirão 2013**?


5. A oração: **realizadas nas novas arenas reformadas para a Copa das Confederações** poderia ser suprimida, sem prejuízo à informação, por: **que serão realizadas nas novas arenas reformadas para a copa das confederações**?



6. A oração: **realizadas nos estádios antigos** generaliza ou particulariza o sentido do substantivo caracterizado por ela? Justifique.


7. Qual a principal característica do torcedor-consumidor? Como ele se diferencia do torcedor padrão?


8. Como a oração subordinada adjetiva restritiva do último parágrafo confirma o ponto de vista defendido pelo do autor durante todo o texto?


## ANEXO 1 – ARTIGOS PRODUZIDOS PELOS COLABORADORES

## MÁXIMO 25 LINHAS

## Copa do mundo

Este ano de 2014 está sendo marcado por um grande evento que é a copa do mundo. Muitas estão se perguntando: será que o Brasil está preparado para esse evento?

Em um certo ponto ele está, sim, pois estão gastando fortunas em reformas de estádios, mas olhando por outro lado não está preparado, pois é nítido o descaso em algumas áreas como a educação e saúde.

Como temos visto, todos os dias nos vemos <sup>precisamos</sup> pessoas morando na sala da emergência por falta de médicos e alunos sem professores nas escolas públicas. Tenho certeza que essa fortuna que está sendo gastada nessas obras "avulsas", seriam bem úteis nas escolas e hospitais etc...

No meu ponto de vista não é errado investir na copa, no entanto que invistam mais na nossa sociedade, pois ela está precisando.



**MÁXIMO 25 LINHAS**

O Brasil está necessitado de muitas reformas, a Copa do Mundo ainda é um evento muito grande para o Brasil. O Brasil precisa (em si) investir em si mesmo para poder crescer e depois fazer a copa. O mesmo país está gastando dinheiro em uma coisa que não é prioridade do país. Por exemplo a saúde, se investissem parte do dinheiro gasto, se fosse usado na saúde, uma parte do mesmo problema estaria resolvido. A outra grande parte do problema é os Segurança Pública, Favelas, roubos, impostos abusivos, transporte público dentro outros que estão em situação crítica.

MÁXIMO 25 LINHAS

A copa do mundo no Brasil não é nada além de uma falsa alegria, que tenta maquiar a atual situação do país.

Não era para um país que sabe com exatidão, segurança, educação, transporte, entre outros, pensar em um evento de tal magnitude. Eu entendo que por um lado, traz alguns benefícios, mas se compararmos os pontos negativos e positivos, há uma grande vantagem negativa. Para simplificar vou dar exemplos: logicamente em termos de turismo estrangeiro de lá para cá, aumentará; o mundo entenderá um pouco mais da cultura brasileira, talvez tendo opiniões positivas. Um bom índice de emprego pela nação, terá também mais e melhor qualificação. Na minha visão há porém outros pontos negativos.

Nos pontos negativos tem: gastos exorbitantes com as estruturas, superfaturamentos, tensões sociais, que houve morte de pessoas, coisa que nunca aconteceu na história das copas. Depois que a copa passar, vai gerar um alto índice de desemprego, a população sofrerá para pagar as altas impostas inflação, provavelmente a saúde, segurança, educação e transporte ficarão mais ainda "de lado".



MÁXIMO 25 LINHAS

A copa mundial da Fifa, no ano de 2014 que acontecerá no Brasil, nem causando uma grande divergência no país, alguns lados dizem que a copa ajudará na economia do país e o taxa de desenvolvimento do mesmo terá um grande aumento, outros lados dizem que a copa é desnecessária e passará uma imagem engorosa do Brasil, sabendo que o país precisa de grandes melhorias.

Acredito que um evento de grande porte em um país <sup>em que</sup> onde a saúde, a educação e a leis são falhas não possui a estrutura necessária para sediar tal eventualidade, em termos propriamente ditos eles estão nos oferecendo o famoso sistema de "pão e circo" <sup>em que</sup> onde uma sociedade de cidadãos corrupta e injusta para com o próximo nos dá maneiras de permanecer na alimentação esquecendo dificuldades diárias, medos e inseguranças em nossa sociedade.

Nossos governantes ficharam os olhos nos tombins, e nessa copa será como sempre narraremos a história para de Baixo do tapete.

## MÁXIMO 25 LINHAS

## A JARRO DA LOPA

Em 17 de março de 2006 as confederações da CONMEBOL votaram no Brasil para ser sede da Copa do Mundo de 2014 e em outubro de 2007 a FIFA confirmou que o Brasil sediará a Copa de 2014. Muito foi festejado e muito foi exultado.

Um país como o Brasil teria plenas condições de sediar um evento de tamanho porte se não fosse pela má administração de nossos governantes, que mesmo tendo 7 anos para preparar o país conseguiram abarcar os erros. Mas para os brasileiros esse é um único problema, pois o maior de todos eles é a péssima condição que vive o povo, sem educação, saúde e segurança. Dizem que a Copa vai trazer muitos benefícios para o país, como melhorias nos transportes, redução de desemprego, mas será que precisava de uma Copa do Mundo para resolver problemas básicos como esses? Não.

Este evento é só mais uma das formas que os corruptos usam para roubar dinheiro público, seja com superfaturamentos ou com empresas fantasmas. E enquanto mascaram os problemas do país para os estrangeiros o povo continua na insegurança e na miséria.

MÁXIMO 25 LINHAS

## A COPA O "ORGULHO" DO BRASIL

Dizem que a copa do mundo vai ser boa para o Brasil e pro brasileiro. É bom para o brasileiro rico, a copa nem começou e o preço de vários produtos já subiu significativamente sendo eles: produtos alimentícios, utilidades para o lar e produtos domésticos. Nessa copa o Brasil mostra o que realmente é: um país capitalista movido pelo egoísmo e o consumismo, onde o rico vai brincar o pobre é deixado de lado. A prova disso é que para construir arenas o dinheiro não vem rápido, mas para construir hospitais e melhorar o ensino brasileiro o dinheiro simplesmente evapora e "ninguém" sabe para onde ele vai. O Brasil é conhecido como o país do futebol, mas também pode ser conhecido como o país da predação, porque o tempo que o brasileiro usa para construir uma arena o japonês faz três e ainda melhor. O Brasil e sua nação é motivo de orgulho para a gente?



## MÁXIMO 25 LINHAS

A copa do mundo no Brasil, ~~traga~~ está causando muita polêmica, pois as obras de reformas nos estádios, que agora são chamadas de "alienas", foram muito caras, assim tornando os ingressos com 119% de aumento em relação ao <sup>ano</sup> passado, eles querem ~~ter~~ "recuperar" o valor gastado nas obras em cima dos ingressos.

Mas, também, a copa irá trazer muitos benefícios segundo pesquisas e estimativas, irá influenciar no PIB, que a estimativa é R\$ 64,5 milhões e que também irá trazer uma economia de R\$ 142,39 milhões de investimentos para o Brasil.

A copa trará com certeza muitos benefícios, mas vai deixar grandes problemas para o Brasil, pois em vez de ~~de~~ investir em educação, saúde, etc., estão gastando muito com a copa, depois que esse evento passar, vai continuar igual e agora ou pior.

Não acho errado investir na copa, mas o governo poderia se preocupar com as coisas que ~~estão sendo feitas~~ são necessárias para que um país cresça mundialmente. Afinal de conta não é copa que fará do Brasil um país de primeiro mundo, mas sim a qualidade em todos os setores.

**MÁXIMO 25 LINHAS**

A COPA DO MUNDO É UM TIPO DE  
EVENTO QUE TRAZ BASTANTE VANTAGENS AO PAÍS  
QUE SEJA. MAS SO TRAZ MUITOS BENEFÍCIOS  
AO PAÍS CASO ELE ESTEJA PREPARADO PARA RECEBER  
TAI EVENTO, QUE NÃO É O CASO DO BRASIL  
POIS TEMOS UM ALTO ÍNDICE DE CRIMINALIDADE  
E UMA PÉSSIMA SAÚDE.

AS REFORMAS DAS NOVAS ARENAS PARA  
A COPA NEM INDIGNANDO O POVO, POIS TAIS  
INVESTIMENTOS SE PODERIAM SER INVESTIDO  
NA MELHORA DE HOSPITAIS, TRANSPORTE E SEGURANÇA.  
PODE SER UM BOM INVESTIMENTO PARA O FUTURO,  
NO PÓS-COPA E PODE-SE INVESTIR NA SAÚDE E ETC.  
MAS AINDA PENSO QUE SER O PAÍS SÓDE FOI  
UMA DECISÃO PRECIPITADA.

**MÁXIMO 25 LINHAS**

A copa do mundo está chegando e com ela trará novos investimentos para o Brasil, como o capital de entrada para os estádios, Shoppings e etc... Mas também temos que ver que graças a essa copa nossas cidades acabaram se desenvolvendo como em transportes, saúde, Mas isso, não se passa de uma máscara para a lupa porque depois que tudo passar e que todos forem embora o Brasil voltaria ser o verdadeiro Brasil, com fraudes sem investimentos em nenhuma área específica.

Também a questão dos bilhetes de entrada para os jogos se tornaram mais caras, impossibilitando algumas pessoas com uma renda menor de verem os jogos. Mas não estão pensando nisso, mais somente no dinheiro que eles vão ganhar com esse evento. Mas também exist em os comerciantes de vários tipos sendo em comida, moradia e outras, vão lucrar com tudo isso porque na área de alimentação o povo Brasileiro sabe muito bem.

Mais com todos esses problemas espero que tudo termine bem, e que o Brasil e os Brasileiros aproveitem essa copa.



## MÁXIMO 25 LINHAS

Logo de bande, um evento muito positivo para os brasileiros, pois todos brasileiros tem um sonho de ir na logo da mundo, <sup>porém, apenas</sup> ~~na~~ que a classe ~~esta~~ <sup>esta</sup> não tem esse privilegio, já a classe média não tanto, por falta de quê? dos valores educados que a fpa impõe, aí não todos os países tem condições de pagar mais de 500 reais no ingresso, ~~além~~ é uma coisa tirando o sonho de toda brasileira.

quais valores?

Mas além disso tem que está sendo muito discutido um valor de aulas e tirar férias, a população está revoltada com a ~~esta~~ grande festa, uma coisa pegando o Brasil tem muitos gastos com construção das ~~estruturas~~ <sup>estruturas</sup> e muitas outras coisas, a população ficou revoltada com isso, não está.

Não muito grande, mas não mais a, muita mais de tudo que os brasileiros temamos com coisa de não tudo que está ~~destinado~~, muitas coisas tem que ser melhoradas, como escolas, estradas, etc. Primeira coisa tem que priorizar a que mais precisa que é a educação, não vai em uma cidade de interior do estado a escola atalada precisa um livro, um livro novo para estudar de não de novo a estudar a com dele não faz a diferença, está é muito difícil trabalhar e estudar.

Entre <sup>uma</sup> ~~uma~~ milhão de pessoas com a educação não tem caráter, tem uma logo mesmo política melhoram a mais com livros para melhorar. Não fique em uma cidade pensando na educação que já está lá e não discutindo nada, para isso tem a fpa da nossa nação e o Brasil pode dar um grande pulo para tem uma ~~atual~~ cidade maravilhosa!

## MÁXIMO 25 LINHAS

Eu acho que a Copa  
 não vai ser positiva por que  
 causa que não desenvolve  
 a saúde, educação e o  
 transporte de todos.  
 e muitos falta de reser-  
 va com a poluição  
 silva, a poluição não está  
 pronta para receber  
 a municipal, falta  
 de segurança, não  
 tem metrô. Podia  
 colocarem outra ci-  
 dade melhor, que está  
 quase pronta, eu prefiro  
 saúde melhor e edu-  
 cação de ótima qua-  
 lidade. Eu sou contra  
 a Copa, eu acho que  
 o Brasil não vai  
 ser campeão e assim <sup>vai</sup> ter  
 bastante violência,  
 gente morrendo com  
 os policiais atirando  
 sem fazer nada e a  
 poluição com a violência.



**MÁXIMO 25 LINHAS**

Pelos meus conhecimentos e pelo optimismo da maioria das pessoas, digo que a copa do mundo não está nem de bom visto pela maioria da população. Com relação aos estádios quando fui ao Maracanã que será utilizado para alguns jogos da copa, percebi que o estádio não está preparado para esse grande evento, pois as cadeiras não são muito confortáveis, o acesso ao estádio é um bafunha e principalmente para sair do estádio, devido de mais para que aconteça brigas entre torcidas, o telão não é de boa qualidade não é só aqui em Brasília, que acontece essas brigas nos estádios, na maioria das cidades que irão ter jogos da copa. Foram alguns detalhes, há estádios que ainda não estão prontos para ser inaugurados.

Pelo que eu acompanho no rádio, vejo muito reclamação sendo feita pela maioria das pessoas, em relação aos aeroportos, pois há voos atrasados, a demora para embarcar, entre outros. A copa do mundo no nosso Brasil, não é muito bem visto por mim, pois enquanto gastam milhões e milhões em estádios, os hospitais ficam de lado dos planos do governo, fazendo com que não tenham médicos nos hospitais ou não tenham os materiais que são utilizados pelos médicos. Na minha humilde opinião, o Brasil não está preparado para esse grande evento, acho que tem muitas reclamações.

MÁXIMO 25 LINHAS

A Copa de 2014 talvez trará benefícios bons, pois o país terá muitos gastos para com estádios, entre outros. Isso tudo provavelmente para a vantagem da copa, das iguais trouxe um pouco de prejuízo para a área de saúde, educação, segurança e transporte, porque usaram esses principais e de investir nessas áreas para investir um idnas para a copa. A população não gastou muito, porque essas áreas são muito mais importante do que a copa de 2014, pois é para o resto da vida de todos o bom ou mal investimento em saúde e etc..

Então, se durante esta copa o país ganhar e investir nessas áreas para a população, aí sim o gasto deles na copa, com estágios e etc, ~~se~~ terá sido vantagem para todos, mas se não fizerem isso será um vão todo esforço para com a copa de 2014, e trará muitos prejuízos para o país.

Mas, teremos para que tudo ocorra bem como os planejado, e que todos tenham benefícios após a Copa. É durante a Copa, poderá acontecer transtorno na área de segurança do país, durante a isso, o país terá, desde já, começar a providenciar um bom e excelente grupo de policiais para estarem trabalhando nos lugares mais perigosos, para que não ocorra nada inesperado, isto igual se não for preparado a segurança poderá acontecer. Então a Copa de 2014, poderá trazer benefícios e ao mesmo tempo não poderá.

**MÁXIMO 25 LINHAS**

O Brasil está a um passo para ceder um dos maiores eventos mundial, a Copa do Mundo.

Este evento trará muitos benefícios, como o aumento do PIB, maior movimentação turística, que aumentará o consumo do produto brasileiro, gerando um maior lucro.

Entretanto, está havendo diversas discussões se o Brasil está realmente pronto para ceder um evento que muitos o fissuram.

O Brasil, por sua vez, ainda apresenta péssimas condições estruturais, como nos hospitais, pela falta de médicos, na educação, e até mesmo na sua própria cultura.

Portanto, este deveria investir em si mesmo e depois pensar em eventos como a Copa do Mundo. Caso contrário, o Brasil irá somente denegrir a sua imagem lá fora.



MÁXIMO 25 LINHAS

## A Copa de 2014

A Copa de 2014, que acontecerá no Brasil, gera e ainda está gerando muita rebeldia. Já que vemos cada vez mais pessoas morrendo em filas de hospitais à espera de um atendimento médico, sem falar na péssima educação. Reunies de investimento em uma boa educação de qualidade permitem em Copa, nem vale a pena a seleção brasileira e Copas de ganhar já que tem coisas que não se vêem nem comentários sobre quando ganhar um ~~evento~~ evento tão grande como esse.

Gastaram tanto dinheiro para transformar estádios em arenas, será que esse dinheiro foi bem investido? Como ter que pagar para valer o preço da pergunta. Talvez o preço não será o esperado por todos. Times arena ainda por cima das pessoas, e se uma pessoa despende com uma de milhares de pessoas durante um jogo, experimente e veremos...

**MÁXIMO 25 LINHAS**

A copa do mundo no Brasil trará muitas despesas para o país, mas pode ser compensado com lucro ao término da copa, com isso pode-  
mos melhorar a imagem do nosso país perante o mundo. Porém poderíamos ter usado os gastos da copa investindo nas melhorias do nosso país, tais como educação, saúde, segurança e transporte.

Porém a minha opinião sobre a copa é negativa em relação ao Brasil veríamos a copa do mundo porque o país não está financeiramente desenvolvendo o suficiente para receber um evento de tal porte.

## MÁXIMO 25 LINHAS

Muitos são à favor e muitos são contra. A copa nos trará alguns benefícios, melhorias, ~~vão~~ abrir muitas oportunidades de emprego, em qualquer setor, porém, nos trará mais prejuízos; depois da copa, como ficará com essas pessoas que vão trabalhar só durante esse período? a copa é algo temporário.

Estão investindo muito dinheiro em algo pequeno, dinheiro que poderiam ser posto em saúde e segurança, o novo dinheiro, os novos impostos e a população tem 80% de não go-<sup>horas</sup>nhar nada com isso.

O país não está preparado para a copa, não tem estrutura, não temos benefícios, o Brasil não tem segurança nem para a população interior, imagina para os gringos do exterior, que vão voltar insatisfeitos com tanto descaso que nós temos no País.

Para a população é um ponto negativo, por que a maioria da população é de baixa renda, quem vão assistir esses jogos com toda luxúria? os ricos, os deputados e senadores, enquanto parte da população sofre está morrendo em domos de hospitais; sendo assaltados em sua própria casa, não temos segurança, e toda a segurança mínima que temos, vão fugir em porta de estádios para garantir segurança, os ricos e políticos.

É esse o País que vai sediar a copa?



MÁXIMO 25 LINHAS

→ onde se usa  
para indicar  
lugar físico.

Em um evento muito grande como a Copa do mundo de futebol, organizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), <sup>um que</sup> reuni milhares de turistas, será aqui no Brasil neste ano de 2014, um país com muitas belezas, culturas e também muitas criminalidades.

Bilhões de Reais ~~podem~~ <sup>podem</sup> investidos de uma forma desnecessária com essa Copa. Esses milh. Bilhões poderiam ser investidos em saúde, educação e outras melhorias para a população Brasileira.

Nós Brasileiros vamos torcer pela nossa seleção e também <sup>para</sup> que os lucros e o nosso dinheiro usado na copa, volte para nós, como melhorias em nossa vida. Copa fazemos com alegria paz, sem violência.

**MÁXIMO 25 LINHAS**A copa

O Brasil recebeu várias delegações com as manifestações, sendo a uma delas foi referente "a copa do mundo", quando um custo muito alto com o transporte de futebol, pois, deveria ter recebido uns bilhões de reais com a unidade pública: como escola, hospital, posto de saúde etc... Para melhorar as dificuldades internas.

Segundo as estimativas, o Brasil tem muitos benefícios para o país, com a modernização turística e econômica, que o evento não gera bilhões de investimentos para o país, neste mundo em que vivemos, com países tão corruptos no Brasil não é o mesmo, acho que o dinheiro arrecado não é investido no nosso país!? Num tem como ocultar.

Portanto, se não saber se o país está realmente pronto para receber um evento de porte tão grande e se montar aqui lidando com as dificuldades internas.



MÁXIMO 25 LINHAS

## A Copa

A Copa trará benefícios à imagem do país mais e aos problemas internos? O que uma acertar? Se com todas as visões sendo acordada aqui eles não fazem nada, uma que quando virem só usar "armas" para nos mostrar que belza nós temos mais estrutura para melhorar a vida de quem precisa NÃO!

Políticos são individualmente corruptos até sem querer, pessoas inocentes morrem por falta de médicos, muitos passam fome por não terem acesso ao Brasil, privilegiando a Copa. Por que? Por que?

A Copa é linda de se ver, de se apreciar, mas ela não pode acontecer em lugares devidamente preparados, o Brasil não é um desses lugares.

**MÁXIMO 25 LINHAS**

A Copa do mundo de 2014, está sendo um dos mais polêmicos temas discutidos no momento, no Brasil. Pelo fato de o Brasil está passando por tantas dificuldades e o governo investiu tantos milhões em uma arena de futebol. Sendo que ele poderia ter enfrentado <sup>maior número de</sup> problemas muito mais preocupantes como a saúde, a educação entre muitos outros recursos. Apesar de o Brasil ser considerado o país do futebol, o país e toda a população Brasileira devem lutar por melhorias no País, afinal, será que o Brasil está mesmo pronto para receber um Campeonato tão disputado? Ou será que estamos só servindo a mais um dos nossos caprichos?

Mais ingenuamente essa será uma atividade em que só será descoberta depois da copa.

MÁXIMO 25 LINHAS

o que vai a  
falar sobre a copa?

A Copa  
A Copa 2014 que será sediada  
no Brasil, um país importante  
de no campo do futebol,  
uma que, no momento  
está sendo disputada na  
política e economicamente  
de promover um evento  
tão importante como é a  
Copa.

Para a competição está  
atingindo o país de forma  
megalôica, representando  
dentro em eventos  
com a maioria de última  
geração, um tipo  
de finanças a nível,  
alimentação, pessoas dentro  
outros. Está está prevendo  
do o Brasil e nos estamos  
sendo obrigados a viver em  
um país cada vez mais pobre.  
Portanto, a Copa 2014 está  
no Brasil, a imagem de um  
país ventral na política e na  
economia, mas isso é apenas aparência.



**MÁXIMO 25 LINHAS**

A copa do mundo de 2022 foi e está sendo um dos grandes eventos a ser discutido pelo Brasil. Uns acreditam que não trazem muitos benefícios, há também aqueles que dizem que o Brasil não está apto a receber uma Copa do mundo, e não está. O melhor seria investir em saúde, no ensino do país. Podemos de construir mais a infraestrutura de um país, como um hospital público, melhor educação, e não deixar a população sem condições suficientes para manter a escola em condições apropriadas.

O governo lançou uma proposta para que a população abra a sua casa para os turistas porque o Brasil não tem hotéis suficientes para receber tantos turistas que chegam ao país.

Porém, para que um país possa ser considerado grande, o governo e a população devem estar em um ambiente para melhorar o país.

MÁXIMO 25 LINHAS

O nosso país ao propor o usar um  
verbetes com visibilidade mundial podemos  
concluir que gastos viriam acontecer.

O fato de nosso país ter deixado para  
construir e reformar no último ano, houve  
um gasto excessivo do partido do governo de  
de investir em áreas mais importantes  
como saúde e educação. O governo usou  
para empregos e para lucros com turismo,  
para o turismo que teve as arenas <sup>para</sup> jogos  
disputados pelas houve um aumento no  
preço dos ingressos desfavorecendo algumas  
pessoas.

Embora o caso no Brasil seja alvo de  
muitas críticas, ele gerou empregos para  
população e lucros para o governo além  
do grande espetáculo que serão os jogos  
podemos concluir que por mais alto que  
sejam os investimentos vale o gasto.

## MÁXIMO 25 LINHAS

Não a população aqui no Brasil  
 vai ser uma fonte de renda para  
 diversas pessoas que poderão rece-  
 financeiramente. Mas é a questão  
 da saúde? e da educação que  
 até então está precisa. Investi-  
 mento está sendo feito mais <sup>menos</sup> pro-  
 prio e também lotados nos presídi-  
 os. Já não tem lugar devido ao gra-  
 de número de prisioneiros. Uma ques-  
 tão bastante potencial devido a in-  
 vestimentos foram realizados todos para  
 as construções e reformas de es-  
 tados que agora se encontram  
 prontos e com essas reformas o  
 governo deve de repor os valores  
 gastos que foi através do al-  
 mento da indústria para os jogos  
 que ocorrem e que não ocorra  
 também na saúde dos transportes  
 públicos. Mas até então o que se  
 vê no Brasil no momento não se  
 vê que este país não está prepa-  
 rado para receber tão grande quanti-  
 dade de pessoas, e espera para ver o  
 que acontece.



**MÁXIMO 25 LINHAS**

Não vejo necessidade dessa copa do mundo em 2014, pois antes de pensar em copa o governo deveria colocar a mão na consciência e canalizar os recursos para realmente valer a pena. É ~~vai~~ começar a investir em coisas que realmente tenham valor a pena, como por exemplo saúde e educação. Todo esse dinheiro investido na copa do mundo poderia ser administrado em outras coisas bem mais úteis e adequadamente.

Todos os dias passam milhares de pessoas que acabam morrendo nos hospitais, esperando por atendimento e não são atendidas por falta de médicos, isso vem que é de extrema importância e parece que o governo está mais interessado em copa do mundo, do que com a saúde da população.

Além de Brasil ser considerado o país do futebol, o país e toda a população deveria lutar por melhorias, andando lado a lado, para juntos resolverem questões como essas.

**MÁXIMO 25 LINHAS**

A copa tem impactos positivos e negativos, acredito que mais negativos que positivos, algo que pode ocorrer, e é uma crise após a copa, como já houve em outros países.

A geração de empregos nas construções de estádios, os favorecimentos do comércio local, e um aumento de renda no país, entre outros, é algo positivo para o Brasil. Mas a decadência dos transportes na cidade não é tão importante que seriam as medidas antes da copa, estrangeiros chegarão e irão mostrar a falta de ônibus, e ônibus cheios, hospitais sem estrutura, super lotados e sem médicos, eles voltarão aos seus lares não com apenas as imagens das belas paisagens do Brasil, mas também com a decadência que o nosso país está.

O Brasil <sup>pode</sup> ganhar a copa, mas não ganhar. Talvez em um período à frente quando o país estiver estável.



## MAXIMO 25 LINHAS

Todos sabemos que a copa é um evento que atrai milhares de pessoas, em torno do futebol. Porém não podemos e nem devemos julgar, imediatamente, no que se refere ao que ocorre por detrás desse grande acontecimento. Há-se que há as coisas com investimento, na preparação total, para receber a copa, no entanto, depois que o copa acabou, para onde vai todo esse investimento lucrativo, que retorna às mãos do governo? pois bem, podemos observar, que nem todos brasileiros participaram da copa, e depois da inauguração de muitas altíssimas para população pobre do nosso país, dessa maneira, concluímos que o Brasil não está preparado para receber a copa, tão pouco está administrando o país.

## MÁXIMO 25 LINHAS

Entre benefícios e maléficos que vêm sendo discutidos no Brasil, sobre a copa do mundo a propaganda, e os governantes dizem que o país está preparado para sediar o maior evento mundial a "copa do mundo".

Mais não é exatamente assim que está pensando o brasileiro que constantemente convive com os problemas de infraestrutura do país, enquanto bilhões são gastos com modernos estádios, a saúde está visualmente precária e a educação que precisa de muitos investimentos para chegar a níveis desejados, que comparados a outros países estão muito abaixo do esperado. Se um país é focado em educação e não de futebol, qual o motivo de tais investimentos tão altos? Será apenas mostrar uma realidade que não é essa.

Nessa expectativa é que os benefícios nos tragam um pouco mais de tranquilidade em relação as nossas dificuldades internas; O aumento do PIB, os investimentos em melhores aeroportos, estradas, e nas estruturas das cidades, a geração de empregos, maior renda nos ramos do turismo e hoteleiros. Isso ainda não nos deixa totalmente seguros se teremos condições de atender as necessidades a um evento tão grande.

## A Copa da incompetência

Em 17 de março de 2006 as confederações da CONMEBOL votaram no Brasil para ser sede da Copa do Mundo de 2014 e em outubro de 2007 a FIFA confirmou que o Brasil sediará a Copa de 2014. Muito foi festejado, e muito foi esquecido.

Um país como o Brasil tem plenas condições de sediar um evento de tamanho porte, se não fosse pela má administração de nossos governantes que mereamos tempo e anos para preparar o país conseguiriam atrair as obras. Mas quem nos deixa ver esse o único problema, pois o maior de todos eles é a péssima condição que vive o país, sem educação, sem saúde e sem segurança. Dizem que a Copa irá trazer muitos benefícios para o país, como melhorias nos aeroportos, transportes coletivos, visual das cidades etc. mas será que precisava de uma Copa do Mundo para resolver tais problemas, que são básicos, como esses? Não.

Esse evento é só mais uma das formas que os corruptos usam para roubar dinheiro público, seja com superfaturamento de obras ou com impostos fantasmas. Enquanto mascaram os problemas do país para os estrangeiros, o povo continua na insegurança e na miséria.

15 de maio de 2014 - Luiz Henrique 20 B

O Brasil vem querendo mudar, ou seja, ter uma melhoria para que os habitantes vejam uma boa imagem do país e que ele seja mais valorizado.

Mas, infelizmente, o Brasil não está se desenvolvendo de uma maneira boa, pois os nossos governantes não estão investindo muito no nosso país, que precisa de melhorias, está tendo pouca valorização nos hospitais, escolas, transportes, etc.

Em relação ao espa, que acontece no Brasil desde o ano de 2014, não é uma boa, pois os dinheiro que está sendo gasto no estádio poderia ser investido em algo mais importante com que nós cidadãos precisamos ter a utilizar um mesmo dia a dia. Apesar de ter esses problemas, o Brasil é um lugar que tem a capricho bonita, mas infelizmente não é bem investido e muito pouco valorizado.

Gracelly Lima - 1º 20 - 3º B

Um assunto bastante discutido por toda a população brasileira atualmente é a famosa "lepra do mundo", que vem gerando (desde o seu projeto inicial) discussões extensas para o Brasil. Foram investidos bilhões de reais no estódo "muni- Garimbo", cujo o qual recebeu os jogadores.

Tanto dinheiro investido em um único estó- duo e os nossos hospitais e escolas públicas continuam em verdadeiro caos, e isso não somente alguns dos patrimônios públicos que podem por isso calamidade.

A presidência do Brasil alega que através da copa, o país conseguiu lucrar com a movimentação turística e econômica, porém, a mesma esquece que isso não passa de uma estimativa. Este é o país ~~que~~ em que que vi- vemos em que o estado investe todo o seu capital em uma estimativa (algo incerto), mas, não investe em algo que é o que faz um país de verdade, a "educação".

"Será que algum dia terei orgulho de dizer que sou brasileiro?"



Tela A

Tema 3ºB - 15/05

\*

A copa do mundo no Brasil está causando muita polêmica pois as obras de reformas nos estádios, que agora são chamados de "árenas", foram muito caras, assim tornando os ingressos com 119% de aumento em relação ao ano passado, eles querem "recuperar" o valor gastado nas obras em cima dos ingressos.

Mas, também, a copa irá trazer muitos benefícios segundo pesquisas e estimativas, irá influenciar no PIB, que a estimativa é R\$ 64,5 milhões e que também irá trazer uma economia de R\$ 14,39 milhões de investimentos para o Brasil.

A copa trará com certeza muitos benefícios mas vai deixar grandes problemas para o Brasil pois em vez de investir em educação, saúde, etc., estão gastando muito com a copa, depois que esse evento passar vai continuar igual e agora ou por.

Não acho errado investir na copa, mas o governo poderia se preocupar com as coisas que são necessárias para que um país cresça mundialmente. Afinal de contas não é copa que fará do Brasil um país de primeiro mundo, mas sim a qualidade em todos os setores.

A Copa do mundo de futebol é sem dúvida um evento grande e abrangente, que une povos de todas as raças e cores. e que muitos países do mundo não tem a condição econômica necessária para realizar tal evento, até mesmo países desenvolvidos pensam se vale a pena custear uma copa do mundo de futebol. No caso da Patria das chuteiras parece que dinheiro não é problema porque o custo inicial da copa já foi super faturado há muito tempo, eu acho que tamanho investimento que está na casa dos bilhões é no mínimo audacioso e irresponsável. Primeiramente, porque é investido em um único esporte e a arrecadação tributária como impostos turismos ingressos, etc. tem o risco de não atender as expectativas de um governo (que em si já é um forte impacto no PIB, a situação interna do Brasil não é a melhor para "trazer visitantes em casa" já que tem uma saúde e educação precárias, um governo com a imagem desgastada, em relação ao seu povo, e uma polícia mal preparada e desmotivada que tem que dar conta de tudo e ainda tem a constante ameaça de grupos separatistas do movimento "não vai ter copa" em atrapalhar o evento, contudo, esse "problema" da copa deveria ter sido pensado há muito tempo quando o Brasil ainda era candidato a País sede, agora que vamos sediar esse evento, temos que mostrar que o País do futebol sabe realizar uma copa do mundo por excelência.

## ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS COLABORADORES

TST - 753002523

1) Quando você fala dos governantes, a sua oração "que mesmo tendo forças para preparar o país conseguiram atrasar as obras" restringe o grupo de governantes ou apenas reforça uma ideia já conhecida sobre os governantes?

Restringe-se ao grupo responsável por trazer e administrar o ensino no Brasil

2) Você acredita achadista que se a oração "que vive o povo" viesse entre vírgulas alteraria o sentido da expressão por ela? Explique.

Sim, pois viraria um oração explicativa

3) Qual a importância da oração "que os corruptos usam para roubar dinheiro público" para a construção da sua ideia defendida no texto?

Explica que a Copa é só mais um dos meios usados para desviar o nosso dinheiro com obras superfaturadas, empresas fantasma etc, além de tirar a atenção de uma parcela da população dos problemas que temos

4) Você sabia que fazia uso de oração subordinada adjetiva quando escreveu?

Sim.



1) Qual é a importância da oração "que precisa de melhorias" para a construção da sua ideia dentro do texto?

A importância é que está referindo a construção em que se encontra o Brasil e relatando a verdade pois o país está passando por grandes problemas.

2) Você pretendeu reforçar uma informação já conhecida ou especificar o sentido da palavra Lopa quando utilizou a oração "que acontecerá no Brasil"? Por quê?

Pretendi reforçar uma informação já conhecida pois está ocorrendo vários conflitos por causa da Lopa que será realizada no Brasil.

3) O que você pretendeu informar quando se referiu ao dinheiro da seguinte forma "que está sendo gasto no estádio"?

Pretendi informar que o dinheiro poderia ser investido em algo mais importante e que trouxesse melhoria para o nosso país. O dinheiro que foi gasto no estádio poderia ter sido investido em algo que os habitantes tanto precisam.

4) A qual palavra anteriormente mencionada você se referiu quando usou a oração "que nós cidadãos precisamos ter"?

5) Você sabia que fazia uso de orações subordinadas adjetivas enquanto escrevia?

Não

1) É uma característica de todos os estádios serem chamados de arenas ou apenas os que estão sendo reformados para a copa? Foi essa sua intenção em informar quando usou a oração "que agora não chamados de arenas"?

São apenas os que foram reformados, sim

2) Qual a importância da informação "que a estimativa é R\$ 64,5 milhões" para o ponto de vista defendido por você na construção do seu texto?

De informar o quando foi gasto

3) Alteraria o sentido pretendido por você se a oração "que não necessárias para um país ..." viesse entre vírgulas? Porquê?

sim

4) Você sabia que fazia uso de orações subordinadas aditivas quando produzia o seu artigo de opinião?

Não

01- Qual é a importância da informação "que une os versos de todos os versos e frases" para a construção de sentido no seu texto?

Não tem nenhuma importância para o sentido do texto, porém acho de suma importância para dar ênfase a oração anterior e assim deixar o texto mais rico em informações.

02- Onde está a oração "que está na casa dos bilhões" e uma oração subordinada aditiva restritiva? Sabia sim porque a oração em destaque restringe e particulariza o sentido da palavra Bilhões, no texto eu citei que os investimentos estão na casa dos Bilhões ou seja restringe aos Bilhões e exclui milhões, milhares ETC

03- A oração "que em si só é um forte impacto no PIB" se refere a qual termo anteriormente mencionado?

Refere-se ao governo.

04- Quando você se remete a polícia dizendo que ela tem que dar conta de tudo, você se refere à polícia como um todo ou apenas parte dela?

Eu me refiro a Polícia em geral, Procure alguns registros oficiais, documentos jornalísticos de Comunicação. Chegara a conclusão de que em um País como esse onde a corrupção, nepotismo, injustiças Sociais, já estão no processo de formação da cultura a Polícia tem que resolver todas as situações da Sociedade. OS- Não sabia que estava usando vocábulo subordina dos objetivos em seu texto?

Não, só reparei durante a correção do texto, no momento da elaboração eu pensei apenas em formar um texto coerente e que estivesse dentro dos padrões exigidos para a formação de um autêntico artigo de opinião.

01 - Qual é a relevância da obra "que vem ganhando desde seu projeto inicial, diários extensos para o Brasil" para a construção da sua ideia defendida no texto?

Engatizar a minha crítica, para que fique destacado aos demais leitores o quanto mal está "opa do mundo" faz o economista brasileiro.

02 - Raci acha que se a obra "cujo o qual recebe os poderes" estivesse entre vírgulas mudaria o sentido da ideia expressa por ti? Por quê?

Tudo o não, porque o meu intuito é explicar os motivos pelo qual bem sendo distintos tanto dinheiro a copa do mundo.

03 - Quando você se refere aos patrimônios públicos usando a obra "que possuem por uma colônia de" você afirma que todos os patrimônios são colonizadores ou apenas parte deles?

Todos os patrimônios, e os quais os serviços públicos estão voltados para a população em desvantagem financeira, como escolas, hospitais, dentre outros.

04 - Quando escrevia você sabia que fazia uso de orações subordinadas adjetivas?

Não, apenas me preocupei em utilizar orações que fizessem correspondência gramatical ao discurso do texto.